

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

EVERALDO CORREIA DA SILVA FILHO

REFLEXÕES SOBRE DITONGOS E NASALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL.

MACEIÓ – AL
2004

EVERALDO CORREIA DA SILVA FILHO

REFLEXÕES SOBRE DITONGOS E NASALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFAL como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa

Co-orientador: Prof. Dr. Paulo da Silva Valença

Maceió, 2004

Silva Filho, Everaldo Correia.

Reflexões sobre ditongo e nasalidade no Português do Brasil / Everaldo Correia da Silva Filho. Maceió: [s.n], 2004.

Orientadora: Januacele Francisca da Costa

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística.

1. Descrição e Análise Lingüística. 2. Fonologia.

EVERALDO CORREIA DA SILVA FILHO

REFLEXÕES SOBRE DITONGOS E NASALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística. (Aprovada em 04 de março de 2004)

Profa. Januacele Francisca da Silva, M.Sc., Dra., Ph.D. (UFAL)

Prof. Paulo José Silva Valença, M.Sc., Dr. (UFAL)

Prof. Dr. Demerval da Hora (UFPB)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

- Às professoras: Rita Zozzoli, Stela Barros, Lúcia de Fátima, Renira Lisboa, Roseanne Tavares e Maria do Socorro Aguiar, que contribuíram, em muito, para minha formação acadêmica;
- Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística: coordenadores, professores e funcionários;
- Aos professores da Banca Examinadora: Paulo Valença e Demerval da Hora;
- Aos amigos e colegas de curso Márcio Alexandre, Antônio César, Jailson Alvim, Elias André, Ana Deuza e Maria das Dores, pelo incentivo e colaboração.

A Deus,
por mais uma jornada cumprida

A Luciene e Mariana,
meus grandes amores

A minhas avós,
Vicentina e Maria Balbina (*in memoriam*)

Aos meus pais,
Everaldo, Edeildo e Edeilda

A Janu,
pelos ensinamentos, amizade e pela persistência

RESUMO

Neste estudo, fazemos uma pequena discussão de ditongos e nasalidade no Português do Brasil. Basicamente, esta é uma discussão teórica e foi pensada como uma revisão da literatura sobre o tema. A partir de algumas observações de uma variedade de língua falada no Estado de Alagoas, Nordeste do Brasil, na cidade de Maceió e arredores, e a partir de nosso próprio conhecimento como falante nativo dessa variedade, empreendemos uma discussão enfocando ditongos e nasalidade no Português Brasileiro através de leituras efetuadas em teorias estruturalista e gerativista. Para efetuar o trabalho, ouvimos, gravamos e transcrevemos dados de fala de quatro informantes da variedade. Alguns casos mais notáveis foram discutidos mais intensamente. Chegamos à conclusão que a maior parte dos ditongos comporta-se conforme descrito na literatura. Alguns casos interessantes, porém, são de ditongos gerados na superfície por alguns processos fonológicos como assimilação, dissimilação e neutralização ou fusão de traços.

ABSTRACT

In this study, we deal with a discussion about diphthongs and nasality in Brazilian Portuguese. For the most part, this discussion is theoretical and has been made as a revision of the literature on the subject. From some observations of the variety of language spoken in the State of Alagoas, Northeast of Brazil, and from our acknowledgement of this variety as a native speaker, we try to go through a review of nasality in Brazilian Portuguese across structuralism and generativist theories, focusing the oral and nasal diphthongs. In order to carry out the investigation, we listened, recorded and transcribed the data of four informants of this variety. Data analysis was based on some theoretical studies about this theme and the interpretation was, in general, based on the auto-segmental phonology. A few more withstanding cases were discussed. We get to the conclusion that most diphthongs are generated in surface by some phonological processes as assimilation, dissimilation and neutralization of features.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
0 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
1 SOBRE A METODOLOGIA	4
<u>CAPÍTULO I: A LITERATURA SOBRE DITONGO E SOBRE DITONGO NO PB</u>	6
1 DITONGOS ORAIS	6
2 DITONGOS NAsAIS	12
2.1 INTERPRETAÇÃO FONÊMICA	12
2.1.1 Ditongos nasais derivados e não-derivados	13
<u>CAPÍTULO 2: A NASALIDADE DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</u>	14
1 A PERSPECTIVA FONÊMICA	14
2 A PERSPECTIVA AUTOSSEGMENTAL	17
2.1 NASALIDADE ALOFÔNICA E NASALIDADE CONTRASTIVA	17
2.2 A NOÇÃO DE ARQUIFONEMA REVISITADA	17
2.3 A VOGAL NASAL EM UMA PERSPECTIVA PÓS-GERATIVA	19
2.3.1 Vogais nasais e vogais nasalizadas	20
3 OUTROS CONCEITOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA	23
3.1 PADRÕES SILÁBICOS	23
3.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS	23
<u>CAPÍTULO 3: REFLETINDO SOBRE ALGUNS DITONGOS EM PB</u>	25
1 DITONGOS DECRESCENTES	25
1.1 PRINCIPAIS DITONGOS DECRESCENTES	25
1.2 REDUÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES	34
1.3 FORMAÇÃO DE DITONGOS NA SUPERFÍCIE	39
1.3.1 Ditongos formados por epêntese	39
1.3.2 Ditongos formados por vocalização de consoante em coda silábica	39
2 DITONGOS CRESCENTES	42
2.1 PRINCIPAIS DITONGOS CRESCENTES	40
2.2 DITONGOS ORIGINADOS EM SEMIVOCALIZAÇÃO DE CONSOANTE LATERAL	45
2.3 DITONGOS CRESCENTES /κωV/ E /γωV/	44
3. DITONGOS NAsAIS	48
3.1 PRINCIPAIS DITONGOS NAsAIS	48
3.2 DITONGOS NAsAIS DECRESCENTES FORMADOS POR REDUÇÃO SILÁBICA	49
3.3 DITONGOS NAsAIS DECRESCENTES QUE PODEM SOFRER REDUÇÃO	53
<u>CONCLUSÃO</u>	56
<u>REFERÊNCIAS</u>	58

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

[π]	Oclusiva bilabial surda oral
[β]	Oclusiva bilabial sonora oral
[t]	Oclusiva alveolar surda sonora
[d]	Oclusiva alveolar sonora oral
[k]	Oclusiva velar surda oral
[g]	Oclusiva velar sonora oral
[f]	Fricativa labiodental surda oral
[v]	Fricativa labiodental sonora oral
[s]	Fricativa alveolar surda oral
[z]	Fricativa alveolar sonora oral
[Σ]	Fricativa palatal surda oral
[Z]	Fricativa palatal sonora oral
[η]	Fricativa velar/glotal surda oral
[μ]	Oclusiva bilabial sonora nasal
[ν]	Oclusiva alveolar sonora nasal
[ɰ]	Oclusiva palatal sonora nasal
[λ]	Lateral alveolar sonora oral
[×]	Lateral palatal sonora oral
[ρ]	Vibrante alveolar sonora oral
[φ]	Semivogal anterior
[ω]	Semivogal posterior
v	Vogal

VN	Vogal oral seguida de consoante Nasal
VGN	Vogal oral seguida de Glide e moraf Nasal
G	Glide
σ	Sílaba
R	Rima
N	Núcleo
A	Ataque/onset
C	Consoante
[O]	Neutralização
[]	Transcrição fonética
/ /	Transcrição fonológica
()	Segmento opcional
.	Fronteira silábica
∪	Acentuação (índice que antecede a sílaba tônica)
~	Variação
*	Forma hipotética
PB	Português Brasileiro

INTRODUÇÃO

0 Considerações Iniciais

Ao analisar o problema das vogais do Português Brasileiro, doravante PB, Mattoso Câmara Jr. (1970) afirma que a compreensão da realidade da língua falada está além de uma análise aparentemente simples e regular das cinco letras vogais que encontramos na língua escrita. Verificamos, na prática, tal afirmativa, quando nos deparamos com situações de fala comuns do dia a dia, situações vivenciadas, seja por falantes ditos letrados ou não. A partir da verificação de realizações de fala como [kαυτ φκυ] *católico*, [α®υτο®φ] *Antônio*, [ιΣυτ Ρα] *história*, [μασΕυ] *Maceió*, podemos refletir sobre a natureza complexa dos sistemas fonológicos.

Observamos que expressões classificadas na língua escrita como sendo polissílabas (*católico*) ou trissílabas (*Antônio*) podem ocorrer com a quantidade de sílabas reduzida quando realizadas na língua falada pela comunidade lingüística do litoral sul de Alagoas. Também constatamos que algumas palavras consagradas por algumas gramáticas como aquelas terminadas por ditongos podem sofrer mudança em sua estrutura mediante o apagamento destes ao serem realizadas por alguns falantes de Maceió: [ιΣυτ Ρα],[μασΕυ].

E falar em ditongos em PB significa retomar algumas das mais empolgantes discussões na Lingüística sobre a possível existência, os processos e regras fonológicas constituintes e as realizações fonéticas destes grupos vocálicos (ou diríamos vocálico-consonânticos na língua falada?). Significa revisitar a noção de nasalidade em PB ao tratarmos as vogais nasais como traço distintivo ou apenas como realização fonética que se realiza mediante um componente nasal seguinte e, a partir daí, transportarmos a discussão para a existência de ditongos nasais em PB.

À luz da Teoria da Variação, fenômenos como a natureza e a nasalidade do ditongo nasal, em alguns dialetos do PB, podem ser descritos mediante regras fonológicas que procuram explicar o fenômeno e suas variações, consideradas tanto do ponto de vista eminentemente lingüístico quanto do ponto de vista social. Wetzels (1995) atenta para essa possibilidade de descrição ao afirmar que, em relação ao ditongo oral, por exemplo, em alguns dialetos do PB, um glide palatal /ɸ/ aparece antes de uma fricativa /σ/ em final de palavra depois de vogal acentuada, em exemplos como: *arro*[ɸ]z, *lu*[ɸ]z e *rapa*[ɸ]z.

Neste trabalho, procuramos retomar os problemas lingüísticos referentes à existência dos ditongos em PB, os processos e regras fonológicas que envolvem sua realização, bem como a noção de nasalidade do PB.

Em primeiro lugar, revemos algumas propostas teóricas das fonologias linear e não-linear sobre o ditongo em PB e o problema da nasalidade na análise fonológica via estrutura silábica. O tratamento dado ao ditongo nasal pelo modelo fonêmico de cunho estruturalista como segmento consonantal será revisto. Nessa descrição, a noção do arquifonema nasal /N/ como elemento que gera a nasalidade das vogais na superfície é defendida por Câmara Jr. (1970). Aqui, ela será discutida juntamente com a questão das vogais nasais.

Em segundo lugar, faremos algumas observações e reflexões sobre alguns tipos de ditongos que nos pareceram mais interessantes, aproveitando os *insights* fornecidos pela discussão revisada anteriormente e acrescentando a isso nossas reflexões, tanto a partir da observação de um *corpus* limitado que tem servido apenas para nos chamar a atenção para determinados fenômenos, como a partir da nossa própria intuição como falantes desse dialeto. Explicações tanto sincrônicas como diacrônicas para os casos em pauta poderão ser esboçadas.

Essa dissertação tem basicamente dois tipos de diretivas em vista. Primeiro, leva em conta a importância científico-acadêmica da proposta, uma vez que procuramos entender fenômenos lingüísticos no nível da fonologia, o que nos prepara melhor para o exercício da profissão de professor de Língua Portuguesa, ao mesmo tempo em que pode fornecer certos subsídios teóricos em relação à estrutura e ao funcionamento dos sistemas lingüísticos, bem como em relação à variação desses sistemas. Depois, observar fenômenos como a nasalidade e os ditongos em PB, em outras palavras, fenômenos de variação lingüística, pode ser bastante útil no esclarecimento das dificuldades de professores, em todos os níveis de ensino, mas principalmente no nível básico, no que diz respeito às questões relacionadas ao ensino da língua que, vistas sob uma concepção leiga, vêm incorporadas de pré-conceitos e pré-julgamentos, todos infundados, do ponto de vista da ciência lingüística.

Acreditamos que os pré-conceitos e os pré-julgamentos do desempenho do aluno durante o processo de aprendizagem, assim como nos julgamentos oficiais, são realizados a partir da sua competência lingüística, competência esta entendida como a capacidade de falar (e escrever) bem, de acordo com a norma padrão. Assim, o aluno que fala uma variedade diferente da variedade padrão já entra na escola em desvantagem.

As questões relativas à nasalidade das vogais serão discutidas apenas a partir da literatura existente, por dois motivos principais: primeiro, essas questões precisam ser aqui tratadas porque, em alguns pontos, relacionam-se à discussão que fazemos dos ditongos; segundo, porque a discussão de nasalidade tem um caráter predominantemente teórico, uma vez que precisa ser analisada em um nível muito abstrato de representação. Observar um fenômeno dessa espécie em um dialeto específico revela-se uma tarefa particularmente complexa, se possível.

Assim, um trabalho sobre um “velho tema” (no dizer de BISOL, 1994), apesar de já discutido por diversas vezes, mas que ainda se revela bastante complexo a cada releitura e

descoberta de fenômenos correlatos como a nasalidade no PB, reivindica a sua necessidade na resolução de problemas referentes à estrutura silábica do PB, principalmente quando transportamos a discussão para as práticas de ensino/aprendizagem de línguas.

1 Sobre a metodologia

Para realizar esse breve estudo sobre os ditongos em PB, empregamos procedimentos que ora englobam técnicas próprias de um modelo indutivo, ora privilegiam uma interpretação dos fenômenos numa perspectiva do tipo dedutiva.

Parece-nos impossível desassociar no nosso estudo as técnicas de coleta de dados oriundas do modelo estruturalista, consideradas do tipo indutiva, de uma interpretação dedutiva, orientação seguida pelos modelos gerativistas. Sobre a possibilidade de termos o emprego de um modelo dedutivo-indutivo em pesquisas lingüísticas, Cagliari (1994)¹ afirma que:

Para justificar e exemplificar os processos fonológicos (regras), hoje em dia, a fonologia moderna não trabalha mais a partir de um corpus que coleta a produção de fala corrente de alguns indivíduos, mas a partir de exemplos escolhidos de acordo com a intuição do falante (ou pesquisador) (1994, p. 60).

Para Cagliari (1994), a utilização de *corpus*, numa análise fonológica, seria feita em certas circunstâncias como em pesquisas sobre a aquisição da linguagem e em pesquisas de natureza sociolingüísticas, onde a aplicação de elementos quantificadores serviria de orientação para as interpretações fonético-fonológicas. De certo modo, segundo o autor, isso poderia inviabilizar a abordagem indutiva ou a vontade de privilegiar tal procedimento. Porém, ao se analisar o comportamento de pesquisadores e o modo como os falantes fazem

¹ Regra de Feedback: o papel da intuição do falante na especificação de regras, com especial referência às regras de acento em Português (BISOL, 1994).

uso das hipóteses que irão definir as regras, constata-se que o teste de gramaticalidade atua bem no nível fonético:

(...) para aceitar ou rejeitar uma forma, o falante diz de várias maneiras, para saber se a forma apresentada representa uma forma aceitável ou não, ou se uma regra é suficientemente precisa e abrangente, ou não (*CAGLIARI, 1994, p.61*).

Assim, nesse estudo procuramos coadunar o trabalho empírico de cunho estruturalista, utilizado na coleta e nas transcrições fonéticas, mediante gravações em fitas cassetes e entrevistas espontâneas de tema de interesse local, com a interpretação dedutiva das fonologias não-lineares, levando-se em conta as limitações e fronteiras que as teorias nos impõem.

Como se trata de um estudo previamente definido – queríamos juntar ao nosso estudo dos ditongos na literatura tanto teórica como descritiva do PB alguns casos que parecem ocorrer apenas no nosso dialeto e refletir sobre alguns fenômenos que nos têm chamado a atenção na prática de ensino de Português para o nível fundamental e médio – o levantamento de dados não foi planejado sistematicamente. Esses dados nos serviriam apenas para confirmar a nossa intuição sobre alguns fatos.

Assim, efetuamos algumas entrevistas com temas de interesse dos informantes como folclore e atividades culturais e econômicas locais. Os locais escolhidos, tendo em vista a nossa proximidade geográfica, foram o Pontal da Barra e Barra Nova. O artesanato foi um dos temas preferidos no Pontal da Barra nas entrevistas, juntamente com o folguedo conhecido por Fandango. Após as entrevistas, foram feitas as transcrições fonéticas privilegiando-se as ocorrências em que apareciam os ditongos que estávamos procurando.

CAPÍTULO I: A LITERATURA SOBRE DITONGO E SOBRE DITONGO NO PB

1 Ditongos Orais

São vários os motivos para se tratar do ditongo em língua portuguesa, uma vez que esse tema tem sido resultado de várias discussões na fonologia tradicional e moderna, como podemos evidenciar em Câmara Jr. (1953, 1970, 1981); Bisol (1989, 1994, 1998); Couto (1994); Wetzels *et al.* (1993, 1995, 1997).

Couto (1994, p.129), por exemplo, mostra a importância da análise dos ditongos nos estudos do PB ao afirmar que estes “*são a chave para se resolverem algumas das questões mais complicadas da língua portuguesa*”. Já Câmara Jr. (1970, p.45), ao tratar da descrição da estrutura silábica, discute o problema da existência de ditongos em Português como componente fonológico silábico, os quais podem ser interpretados como “*duas vogais silábicas contíguas*”, ou seja, como um hiato.

Câmara Jr. (1970) indica a possibilidade de se verificar tal existência através de pares opositivos. Para tanto, ele exemplifica a oposição que as gramáticas fazem dos pares *sai* (3ª pessoa singular do indicativo presente de *sair*) e *saí* (1ª pessoa singular do pretérito perfeito). A oposição, segundo o autor, está apenas na seqüência acentual, isto é, na vogal tônica seguida de vogal átona (*sai, país*) e vogal átona seguida de vogal tônica (*saí, país*). Assim, considera-se o ditongo como um traço não fonêmico geral do PB, aceitando-o somente quando um dos elementos vocálicos for tônico. São 11 (onze), de acordo com Câmara Jr. (1970), os ditongos decrescentes e OI (um), muito restrito, crescente. A seguir, tomemos como ilustração a exemplificação que o lingüista dá em *Estrutura da Língua Portuguesa* sobre ditongos decrescente e crescente:

Ditongos decrescentes:

/ai/: pai;

/au/: pau;

/éi/: papéis (só diante de /S/);

/êi/: lei;

/iu/: riu;

/ói/: mói;

/ôi/: boi;

/ôu/, monotongado no registro informal e, /ô/: vou;

/ui/: fui.

Com a vocalização do /l/ pós-vocálico ([w]), temos um duodécimo ditongo:

/óu/: sol, pronunciado /sóu/.

Ditongo crescente:

Vogal assilábica /u/ depois de dorsal diante de vogal silábica: /(k, g) u (a, é, ê, i, ó, ô)/, como em qual (cf. o par opositivo quais /kuais/: coais, do verbo coar /kuais/ onde um ditongo crescente e um decrescente com uma única vogal silábica produzem o que se chama um “tritongo”, tradicionalmente em português) (CÂMARA JR., 1970, p.46).

A partir do exposto anteriormente, podemos concluir que somente foram considerados os ditongos orais decrescentes, excluindo-se os nasais. Faz parte da maioria das análises lingüísticas, sejam elas de orientação fonêmica ou gerativa, interpretar a vogal que precede o glide como sendo vogal oral, reservando-se à vogal nasal a qualidade de vogal oral seguida de elemento consonântico nasal². Com relação ao duodécimo ditongo decrescente que o autor descreve como /óu/, vale ressaltar que essa generalização serve apenas para alguns dialetos do PB, como o carioca e o nordestino, uma vez que podem excetuar-se os falares da região Sul do Brasil, onde a líquida em evidência realiza-se como tal. Além disso, podemos considerar esse ditongo apenas pela sua realização fonética, pois, como diria Silveira (1988), seria um ditongo aparente em contraste com um ditongo real, tendo sua natureza manifestada apenas na estrutura de superfície da sílaba.

Outro fato que merece uma breve discussão é a classificação em PB da ocorrência da semivogal /ω/ antecedida pela consoante velar /κ/ ou /γ/, como formadora do único ditongo crescente que não sofre variação livre. De acordo com Câmara Jr. (1970), somente os

² A natureza fonológica das vogais nasais será tratada adiante com mais detalhe.

ditongos decrescentes podem ser considerados como verdadeiros em PB. No caso do ditongo crescente, a situação geral é que há ocorrência de variação livre entre ditongo e duas sílabas de vogais contíguas, como por exemplo, [συ.αρ] ~ [σωαρ], [συ.α.δορ] ~ [σωα.δορ].

Compartilhando opinião semelhante ao de Câmara Jr. (1970) quanto à inexistência de ditongos crescentes, porém sob a ótica da fonologia não-linear lexical, Bisol (1989) considera que a seqüência GV (glide-vogal) resulta de uma ressilabificação pós-lexical³, regra que justificaria a eliminação dos ditongos crescentes do inventário fonológico do PB. Na análise de Bisol (1989), a seqüência seria constituída de rimas de duas diferentes sílabas na estrutura subjacente. Apenas a semivogal /ω/ antecedida de /κ/ ou /γ/ constitui-se como um verdadeiro ditongo crescente, pois não alterna com hiato, afirma a autora, em palavras como: *qual* [∪κωαω] *[κ∪αω], *quando* [∪κωα@νδυ] *[κ∪α@νδυ] e *quociente* [κωοσι∪εντΣτι] *[κ∪οσι∪ενΣτι].

Neste trabalho, partimos da noção de semivogal do ponto de vista fonológico, isto é, aquela que determina o valor que os elementos representados por /φ/ e /ω/ assumem na estruturação fonológica das sílabas, constituídas, por sua vez, de consoante na periferia e de vogal no núcleo (CV ou VC). Essa noção de ditongo coaduna com a posição de Cagliari & Massini-Cagliari (2001), que consideram as semivogais (ou semiconsoantes) no sentido fonológico e não fonético, uma vez que, do ponto de vista estritamente fonético, os ditongos são considerados vogais que mudam de qualidade durante sua articulação, representados por dígrafos (não por duas vogais), mas, no nível fonológico, os ditongos assumem a condição de consoantes /φ/ e /ω/, localizados na periferia da sílaba.

Bisol (1989) distingue dois tipos de ditongo em PB: o ditongo fonológico e o ditongo fonético, considerando-se o primeiro como ditongo verdadeiro e o segundo como ditongo

³ Regra fonológica que se aplica após a derivação da palavra pelo componente sintático, não fazendo parte da estrutura interna da palavra.

falso. Segundo Bisol, a realização do ditongo verdadeiro, como em [ηεφουτορ] *reitor*, [υπαωτα] *pauta*, é invariável, pois está representado na estrutura subjacente por duas vogais, como um autêntico ditongo. Já o ditongo falso, como o que temos em [υπεφσε] ~ [υπεσε] *peixe*, [υφεφρα] ~ [υφερα] *feira*, realiza-se na estrutura subjacente com apenas uma vogal, formando-se o glide em nível mais próximo à superfície. A seguir, damos alguns dos seus exemplos de ditongos verdadeiros e falsos conforme Bisol (1989, p.125):

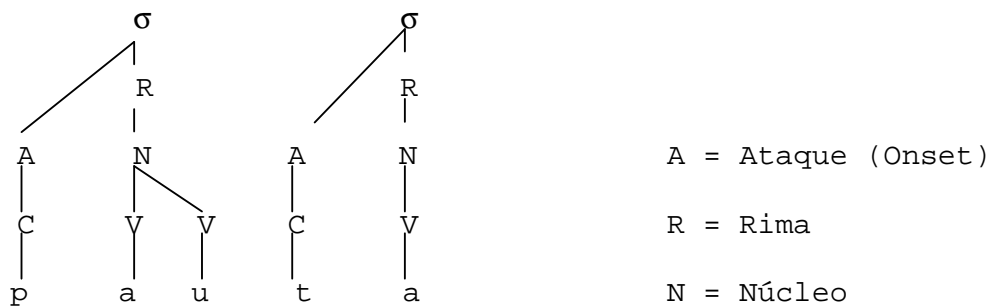
Ditongos verdadeiros:

- a) *pauta*, mas não * ~ *pata*
reitor, mas não * ~ *retor*
coitado, mas não * ~ *cotado*

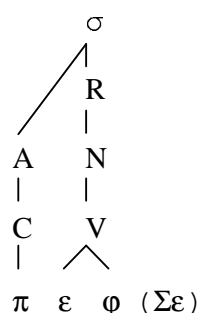
Ditongos falsos:

- b) *peixe* ~ *pexe*
ameixa ~ *amexa*
caixa ~ *caxa*
c) *faxina* ~ *faixina*
vexame ~ *veixame*
taxa ~ *taixa*
d) *três* ~ *treis*
fez ~ *feiz*
rapaz ~ *rapaiz*

Partindo do pressuposto de que o ditongo verdadeiro possui duas vogais na subjacência, Bisol afirma que a formação do glide se realiza mediante a regra de silabação, como mostra a sua representação da estrutura subjacente do ditongo fonológico /υπαωτα/:



Podemos verificar na árvore acima um núcleo ramificado, constituído de duas vogais, sendo interpretado como ditongo. Dessa forma, por regra universal, considera-se a realização fonética dessa vogal alta como glide. O ditongo verdadeiro, portanto, nessa configuração, ocupa duas posições no nível CV ou no esqueleto⁴, ao contrário do ditongo falso, que ocupa uma só posição, como podemos verificar na representação abaixo da estrutura subjacente do ditongo fonético [ɔπεφΣε ~ ɔπεΣε]:



Como podemos observar, a representação de /εφ/ como falso ditongo mostra ramificada apenas uma posição do esqueleto, sendo representado por V.

A autora utiliza vários argumentos estatísticos e fonéticos para mostrar que os ditongos [εφ] ou [αφ], diante da palatal da sílaba seguinte, alternam com a vogal simples, independentemente da incidência de acento sobre eles:

a) deixar	[δεφΣαρ ~ δεΣαρ]
eixo	[εφΣυ ~ εΣυ]
queixar	[κεφΣαρ ~ κεΣαρ]
b) paixão	[παφΣα)ω [Ⓟ] ~ παφΣα)ω [Ⓟ]]
baixo	[βαφΣυ ~ βαΣυ]
caixote	[καφΣ τε ~ καΣ τε] (BISOL, 1989, p.126)

⁴ Esqueleto ou linha prosódica na nomenclatura da fonologia moderna (Geometria de Traços) indica a unidade de tempo que um segmento ocupa na palavra.

Outra amostra da existência de ditongos falsos, segundo Bisol, é a ditongação que ocorre em palavras diante de palatal realizada na fala, onde a tradição escrita as consagrou sem ditongo:

c) vexame	v[ε]xame ~ v[εφ]xame
faxina	f[α]xina ~ f[αφ]xina
fechar	[φε]char ~ [φεφ]char
bandeja	ban[δε]ja ~ ban[δεφ]ja (idem)

Apesar de termos contextos similares, inserção e apagamento de glide diante de palatal, os exemplos, segundo a autora, são evidências fortes da inexistência, na estrutura subjacente, da vogal alta responsável pelo surgimento do glide.

Numa perspectiva descritivista e estudando uma variedade alagoana, a realização do falso ditongo diante de palatal pode ser interpretada através da análise que Silva (1999) faz da redução do ditongo decrescente [εφ], que pode apresentar duplicidade de realização, ora se mantendo, ora sofrendo redução, segundo a autora. Acrescentado-se a sua análise a vibrante simples [ρ], além das palatais fricativas [Σ] e [Z] como elementos condicionadores da redução, ela observou tais realizações no dialeto do PB falado pelos índios Wassu-Cocal do município de Joaquim Gomes, Alagoas. As realizações encontradas são demonstradas nos exemplos seguintes:

[υφερα]	‘feira’
[υβερα]	‘beira’
[παωμερα]	‘palmeira’
[υδεσυ]	‘deixo’
[υπεσι]	‘peixe’
[υφεσι]	‘feixe’
[υκεzu]	‘queijo’
[υβεzu]	‘beijo’
[φευza@ω]	‘feijão’ (SILVA, 1999, p.62-7)

Com base em autores como Lemle (1978), Paiva (1996) e Collischonm (1996), Silva interpreta a redução do ditongo [εφ], quando seguido de consoantes [Σ] e [Z], como sendo: a)

conseqüência da equivalência entre os traços fonéticos desses segmentos e a semivogal (LEMLE, 1978); b) *conseqüência de um processo de assimilação a zero decorrente da contigüidade dos segmentos da mesma natureza fonética na cadeia sintagmática* (PAIVA, 1996, p.222) e; c) conseqüência da natureza da palatal, que possui articulação secundária, isto é, traços consonantais propriamente ditos e traços vocálicos (COLLISCHONM, 1996). A partir das interpretações acima, podemos comprovar que todas evidenciam a realização de um mesmo processo: a assimilação de traços. Nas interpretações dadas, podemos inferir, *grosso modo*, que as consoantes [Σ] e [Z] e o glide [ϕ] compartilham do mesmo traço fonético [+alto], propiciando, dessa forma, uma assimilação ou espriamento de traços vocálicos, o que geraria um falso ditongo que sofre redução na fala.

2 Ditongos Nasais

2.1 Interpretação fonêmica

A interpretação fonêmica que Câmara Jr. (1970) dá às vogais nasais pode ser estendida aos ditongos nasais. Em coerência com a noção de vogais nasais como vogal oral seguida de arquifonema nasal, podemos inferir que os ditongos nasais são representados por duas vogais orais seguidas de um arquifonema nasal. Esse arquifonema poderá ocorrer em posição final de sílaba (e palavra) para termos uma representação fonêmica como /λ α N/ > [ʊλ α] *lã*. Ele poderá ocorrer também entre vogais como, por exemplo, em /ʊ μ α No/ > [ʊ μ α ω] *mão*. Podemos observar que, quando o arquifonema nasal realiza-se em posição final de sílaba (e palavra), a vogal que o precede pode ser qualquer uma das vogais /ɪ, ε, α , o, u/: / σ ɪN/ *sim*; / β εN/ *bem*; /λ α N/ *lã*; / β oN/ *bom* e / η uN/ *rum*. Porém, quando o arquifonema ocorre entre vogais, a vogal que precede o arquifonema /N/ pode ser / α , o/ e a vogal que segue o

arquifonema pode ser /α, o, ε/: /∪βoNα/ *boa*; /ιP∪μαNo/ *irmão*; /λε∪oNε/ *leão* e /∪παNε/ *pão*. (CRISTÓFARO SILVA, 1999, p.168).

2.1.1 Ditongos nasais derivados e não-derivados

Em PB, há um número limitado de ditongos nasais, dos quais apenas três ocorrem em palavras não-derivadas: [α)ω[®], α)φ[®], ε)φ[®]]. Desses, o mais freqüente é /α)ω[®]/. O ditongo /α)φ[®]/ apenas ocorre em final de sílaba como na palavra *mãe* [μα)φ[®]]. Em formas verbais, a terceira pessoa do plural termina em /α)ω[®]/ ou /ε)φ[®]/, como em /∪φαλα)ω[®]/ ou /∪φαλε)φ[®]/. O ditongo /α)φ[®]/ ocorre na forma irregular do plural de algumas palavras cuja forma singular termina em /α)ω[®]/, como em /κα)ω[®]/ *cão* ~ /κα)φ[®]σ/ *cães*.

É a partir desta noção que Wetzels (1997) desenvolve o problema dos ditongos não-derivados. O autor assume que o ditongo /ε)φ[®]/ é derivado de uma vogal nasal /εN/. Segundo Wetzels, os ditongos nasais ocorrem predominantemente em posição final de palavra. Palavras que terminam em um ditongo nasal geralmente têm acento na sua sílaba final, o que mostra que os ditongos nasais representam seqüências de dois elementos na rima. Via de regra, os ditongos nasais não ocorrem em sílabas travadas por uma consoante. Assumindo a noção de nasalidade defendida por Câmara Jr. (1970), Wetzels interpreta esses segmentos nasais como sendo segmentos derivados de um ditongo oral seguido por um arquifonema nasal - /∪μφNτν/ para [∪μφ)φ[®]τν] *muito* (VGN). Ele cita como exemplo a palavra *pão*, que pode ser analisada como uma combinação de base /παν/, seguida pela vogal temática /ε/. Mediante tal afirmação, Wetzels (1997) assume que os ditongos nasais possuem uma representação lexical uniforme, se eles fazem parte do léxico - como em *muito* ou *pão* - ou são derivados de um léxico dinâmico - como em *falam* ou *pães*.

CAPÍTULO 2: A NASALIDADE DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

1 A Perspectiva Fonêmica

De acordo com Wetzels (1997), as vogais nasais têm recebido interpretações as mais diversas possíveis (ver também BARBOSA (1962), LIPSKY (1975) e ALMEIDA (1976) para uma sinopse histórica dessa discussão). Entre os estruturalistas, encontram-se no mínimo quatro perspectivas diferentes sobre a discussão da representação fonológica das vogais nasais, segundo Wetzels (1997, p. 4):

1. Uma simples vogal nasal subjacente (STEN (1944); LUDKE (1953), STREVENS (1954); HAMMARSTRÖM (1962); HEAD (1965); MOTA MACHADO (1981));
2. Uma vogal oral seguida por uma consoante nasal (TRAGER (1943); REED & LEITE (1947); LEMLE (1965));
3. Uma vogal oral seguida por uma mora nasal tautossilábica (CÂMARA JR. (1953, 1970); BARBOSA (1962, 1965); CAGLIARI (1977));
4. Um traço supra-segmental que, semelhante ao acento, pode ser superposto num segmento silábico (HALL, 1943).

Para Callou & Leite (1990, p.85-90), interpretar fonologicamente a realização das vogais nasais em língua portuguesa tem sido objeto de ferrenhas discussões por parte de lingüistas, uma vez que há duas possibilidades de interpretação para elas: na primeira, as vogais nasais são entendidas como fonemas distintos das respectivas vogais não-nasais, opondo-se entre si pelo traço [\pm nasal]; na segunda, as vogais são analisadas como variantes não distintas das suas correspondentes orais, tendo por solução a interpretação de vogal oral seguida de arquifonema consonântico. A solução para a segunda hipótese é encontrada por Câmara Jr. (1970), quando ele afirma que a vogal nasal seria interpretada como um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba (vogal + elemento consonântico nasal).

Pela análise de Câmara Jr., haveria um tipo de travamento silábico causado por um elemento nasal, o arquifonema /N/ que se realizaria como [v] diante de consoante alveolar [ʊλινδα], como [μ] diante de consoante labial [ʊβομβα], como [N] diante de consoante velar [ʊσ(α)Nγι] e ainda como [ɲ] diante de consoante palatal [ʊγαɲευ]. As vogais nasais [ɪ) υ) α) ε) ο)], a partir dessa proposta, devem ser representadas fonemicamente como /ɪN υN αN εN οN/. Para Câmara Jr., não se deve considerar a vogal nasal com status de fonema, uma vez que a existência fonológica da consoante nasal para o falante e/ou ouvinte seria, antes de tudo, mais de ordem psicológica que de ordem estrutural. Assim, a oposição entre vogal oral, vogal nasal, vogal oral + consoante nasal - como no francês [βo]/[βo]/[βov], *beau, bon, bonne* - não existiria numa língua como o português. Em contrapartida, Ludtke (1952) argumenta que pelo menos no português europeu ocorre essa oposição a partir de formas do tipo [ʋi]/[ʋi]/[ʋiμ], *vi, vim, vime*, respectivamente.

Outro argumento apresentado por Câmara Jr. (1970), que vem reforçar a idéia de vogal oral seguida de arquifonema nasal, diz respeito à realização dos hiatos na estrutura silábica do português. Ele argumenta que não temos hiatos (cf. *piada*) com a primeira vogal nasal (isto é, *[πi)αδα] não ocorre). Mesmo quando em potencial poderíamos ter hiatos com vogal nasal, o que acontece é que ou a nasalidade desaparece, como em *boa*, ou o segmento equivalente ao segmento nasal passa a ter uma posição consonantal na sílaba seguinte, como em *valentona*.

Por fim, Câmara Jr. ainda defende a caracterização das vogais nasais como vogal oral seguida de arquifonema nasal baseando-se na distribuição de /P/ na estrutura da sílaba. Levando em conta o travamento silábico, ele sustenta que sílabas travadas são seguidas de “R forte” (cf. “Israel”) e é esta variedade do “r” que se realiza seguindo vogais nasais (cf. “genro”). (cf. CRISTÓFARO SILVA, 1999, p.165-66).

Em resumo, Callou & Leite (1990) citam alguns argumentos de ordem distribucional apresentados por Câmara Jr. que podem, por sua vez, ser reexaminados:

a) a sílaba com vogal dita nasal comporta-se como sílaba travada por consoante e quando final – seguida de palavra iniciada por vogal – não sofre crase, por exemplo, “lã azul”, “jovem amigo” etc.

b) depois de vogal nasal só se realiza um “r” forte e nunca o brando, próprio de posição intervocálica.

c) no interior do vocábulo, não há em português vogal nasal em hiato: ou a nasalidade desaparece como em “boa” (face a “bom”) ou o elemento consonântico se desloca para a sílaba seguinte, como em “valentona” (face a “valentão”) (CALLOU & LEITE, 1990, p.86-7).

Um exemplo que vem de encontro à interpretação dada sobre a não ocorrência em português de vogal nasal em hiato pode ser encontrado na fala popular documentada na carta 1 do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), de acordo com Callou & Leite (1990, p. 87). O Atlas mostra que a forma [ʊλʏ)α] ocorre em onze pontos do Estado da Bahia, na fala de homens e mulheres de áreas e faixas etárias diversas.

Por fim, na outra hipótese, a solução dada por outros estruturalistas é ampliar simplesmente o quadro vocálico para sete vogais orais e cinco nasais. Dessa forma, considera-se cada uma das cinco vogais um fonema distinto da vogal oral correspondente, onde se despreza o elemento consonântico nasal que poderá, ou não, ocorrer. Tal elemento seria condicionado pela nasalidade da própria vogal e teria realizações fonéticas distintas a depender da consoante subsequente.

Apesar de Callou & Leite (1990) contestarem a noção de vogais nasais dada por Câmara Jr., uma vez que sua análise parte mais de um caráter abstrato do que de uma análise por contraste fonêmico, não há dúvida de que haveria em língua portuguesa sílabas travadas

pelos arquifonemas /N/ ou /R/⁵. Por fim, salienta-se que, do ponto de vista teórico, ambas as interpretações são possíveis.

2 A Perspectiva Autossegmental

2.1 Nasalidade alofônica e nasalidade contrastiva

Em seu artigo intitulado *A Representação Lexical da Nasalidade no Português Brasileiro* (1997)⁶, Wetzels destaca dois tipos de nasalidade: uma alofônica ([α]no) e a outra contrastiva na superfície (c[α]pa *versus* c[α]pa).

A nasalidade contrastiva é derivada de uma vogal subjacente oral seguida por uma mora nasal tautossilábica, que funciona como um elemento consonantal. A nasalidade alofônica, por sua vez, quase obrigatoriamente se aplica a vogais acentuadas e, opcionalmente, a vogais não-acentuadas e é realizada mediante um mecanismo de espriamento (ou assimilação regressiva).

A nasalidade contrastiva é obrigatória e insensível ao acento. É a partir do diferente tratamento dado aos dois tipos de nasalidade do PB que o autor procura fornecer uma melhor compreensão do comportamento enigmático da nasal palatal /j/, como em *pi[]heiro*. Obtendo *status* de uma consoante geminada, o onset nasal /j/ realiza nasalização de uma rima precedente numa maneira normalmente esperada por uma mora nasal tautossilábica. A essa interpretação, pode-se, então, associar uma hipótese de que a nasal palatal representa uma geminada lexical.

2.2 A noção de arquifonema revisitada

⁵ Arquifonema que pode se realizar como /p/ ou /P/ ou como /ɲ/.

⁶ The Lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese.

Sob a perspectiva do modelo fonêmico, como já vimos, os arquifonemas são interpretados como fonemas neutralizados, seja porque eles acabam em distribuição em um determinado contexto, seja porque um dos pares da oposição não se realiza em determinado ambiente ou em casos de *overlapping* (sobreposição). A noção de arquifonema, nos termos estruturalistas – do mesmo modo que a noção de fonema, nesses mesmos termos - porém, não é empregada no quadro da fonologia autosssegmental. Apesar disso, o arquifonema ainda continua, com um enfoque teórico diferente, a ser reconhecido pelas modernas teorias fonológicas. Isso acontece com o arquifonema nasal que tem alofones homorgânicos com as oclusivas que lhes seguem:

campo	/κᾱNπυ/	[κᾱ®μπυ]
canto	/κᾱNτυ/	[κᾱ®ντυ]
banco	/βᾱNκυ/	[βᾱ®Nκυ]

Tendo, pois, a função de nasalizar a vogal precedente, esses segmentos fonológicos são interpretados como *nasal flutuante*, afirma Cagliari (1997, p.31). A nasal que ocupa a posição de coda terá seu início como um segmento flutuante, para, em seguida, nasalizar a vogal precedente e/ou gerar um segmento nasal homorgânico com a oclusiva seguinte ou passará a ter seu lugar de articulação definido pela natureza da vogal precedente.

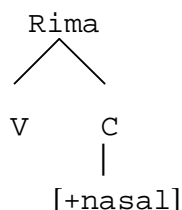
Segundo Cagliari (1997), resta-nos saber se essa nasal flutuante é interpretada como tal já na forma de base ou torna-se assim após algum processo fonológico. Tal problema implica investigar a possibilidade de ter um segmento flutuante numa forma de base e em saber se esse elemento flutuante traz consigo algum tempo, mesmo não estando ligado ao esqueleto. Como se sabe, via de regra, nenhum elemento flutuante produz alongamento

compensatório⁷, sendo, portanto, indefinido também em relação ao tempo. Assim, quando a nasal flutuante (no caso de CV.NV) nasaliza a vogal precedente, não deixa nenhuma marca de tempo a mais na vogal nem no esqueleto. Já quando ela se realiza como uma consoante nasal na coda (CVN.), a marca de tempo se faz necessária no esqueleto. Em resumo, Cagliari nos evidencia claramente tal argumento ao afirmar que:

(...) se a nasal flutuante se ligar ao Núcleo, irá simplesmente acrescentar o traço [+nas] ao nó de Raiz, mas, se for se ligar à coda, então, deverá dispor também de um tempo no esqueleto (1997, p. 32).

2.3 A vogal nasal em uma perspectiva pós-gerativa

Em conformidade com a noção de vogal nasal (vogal oral seguida de arquifonema nasal) defendida anteriormente por Câmara Jr. (1970), temos em Wetzels (1997) uma interpretação mais consistente sobre a realização das vogais nasais em PB. Wetzels procura reformular a noção de vogal nasal postulada por Câmara Jr. considerando o arquifonema nasal dos estruturalistas como um segmento consonantal dominado por um autossegmento nasal. Na verdade, ele defende uma representação lexical das vogais nasais, onde a vogal /V/ se realiza como um segmento de peso dominado por Raiz vocálica e a consoante /C/ representa um segmento de peso dominado por uma Raiz definida pelos traços [-vocálico, -aproximante, +sonorante]:



A representação dada acima parece interpretar claramente o que Câmara Jr. tinha em mente quando ele afirma: *a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que*

⁷ Alongamento da duração de um fonema devido ao desaparecimento de um fonema contíguo. In: DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, p. 42, 1998.

se combinam na sílaba - vogal e elemento nasal (1970, p. 37). A que ele faz referência como elemento nasal torna-se claro quando lemos: *O que dá status fonológico às posições* [μυ]ντο:μιτο], [φυ]ντο:φυτοα] etc., (...) *é justamente o travamento por um elemento consonântico nasal* (...) (1970, p.50).

2.3.1 Vogais nasais e vogais nasalizadas

Em função da acentuação silábica, podemos afirmar que o PB tem um sistema de sete (07) vogais orais /ι υ ε ο Ε α/, sendo completamente exploradas nas sílabas tônicas. Já nas sílabas não-acentuadas ocorre, na maioria dos dialetos, a neutralização das duas séries de vogais médias em favor das mais altas. Por outro lado, as vogais nasais em PB jamais evidenciam qualidades médio-baixas, até mesmo quando elas são acentuadas.

Como já foi dito anteriormente, podemos distinguir dois (02) tipos de vogais nasais: uma, sendo contrastiva (de superfície), e a outra, sendo alofônica. Quanto à primeira, podemos relacioná-la como vogais nasais, e a última como vogais nasalizadas. Citando novamente Câmara Jr., ele observa que:

(...) uma nasalidade como de junta oposto à juta, ou de cinto oposto a cito, ou de lenda oposta à Leda (grifo nosso), e assim por diante, não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira vogal de ano, ou de cimo, ou de uma, ou de tema etc... Aí, não há oposição entre a vogal nasalizada e a vogal, também possível, sem qualquer nasalização (1970, p. 36-7).

A partir do exposto acima, podemos afirmar que existe um contraste de superfície entre as vogais oral e nasal antes das consoantes orais, ao passo que antes das consoantes nasais evidenciam-se vogais orais do ponto de vista fonêmico, as quais podem ou não evidenciar nasalidade alofônica.

Assim, segundo Wetzels (1997, p.2-3), as vogais nasais ocorrem em sílabas acentuadas, bem como em sílabas não-acentuadas, ambas no interior de palavras e em final de palavras, como por exemplo:

(1) Vogais nasais

a. no interior de palavras tônicas

[ɔ̃φι)κᾱ]	finca
[ɔ̃νυ)κᾱ]	nunca
[ɔ̃πε)τῑ]	penete
[ɔ̃το@βυ]	tombo
[ɔ̃κᾱ@πᾱ]	campa

b. no interior de palavras átonas

[ι)τῆ)ρῆσι]	interesse
[υ)βιγυ]	umbigo
[ι)Σῆ)τι]	enchente
[βο@)γο]	bongô
[κᾱ@)βᾱφυ]	cambaio

c. no final de palavras tônicas

[κυ)πι]	cupim
[Ζῆ)Ζυ]	jejum
[ἀημᾱ)ζῆ)φ]	armazém
[κυ)πο@]	cupom
[ἀλε)μᾱ@]	alemã

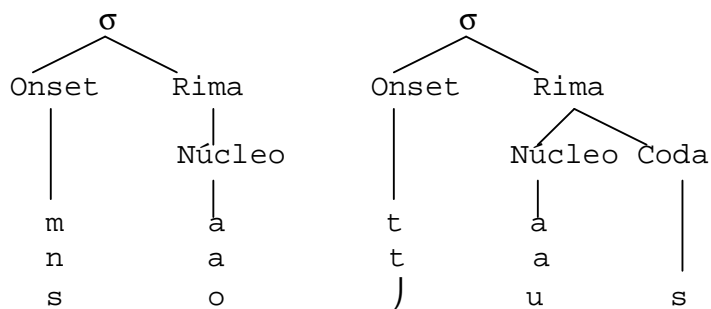
d. no final de palavras átonas

[ɔ̃ι)τερι]	ínterim
[ɔ̃ᾱ)ωβυ]	álbum
[ɔ̃ζ)θε)φ]	jovem
[ɔ̃μ)ημο]	mórmon
[ɔ̃)ηφα]	órfã

Do ponto de vista diacrônico, Wetzels (1997) afirma que as vogais nasais derivam de seqüências de uma vogal oral seguida por uma mora nasal tautossilábica. Do ponto de vista sincrônico, entretanto, suas propriedades fonéticas apontam sem qualquer ambigüidade para uma representação subjacente, que imita sua origem histórica.

Também numa perspectiva não-linear, em língua portuguesa, Cagliari (1997, p.38-42) analisa o fenômeno da nasalidade levando-se em conta três casos, a saber:

Caso 1: a nasalidade pode ser tratada em consoantes e em vogais. Existem três fonemas consonantais nasais /m/, /n/, /ɲ/ que ocorrem em início de sílaba, portanto, autossegmentados no onset:



Caso 2: será obrigatoriamente nasalizada, em início de sílaba dentro de palavras, a vogal que precede a nasal, em se tratando de uma vogal /ɑ/ acentuada. Caso haja outra qualidade vocálica, ou se a vogal for átona, tal nasalização será opcional. Sendo o caso da vogal /ɑ/, a nasalidade irá ocorrer com mais freqüência se estiver numa posição pós-tônica do que pré-tônica:

cama	cana	cânhamo
banana	tímpano	canela

Cagliari diz que a nasalização, neste exemplo, é referida como um caso de *espraiamento* ou assimilação:

A mudança da qualidade vocálica que ocorre no caso de /ɑ/, passando a [ɔ̃] será obtida através de uma regra pós-lexical que diz que toda vogal [ɑ] nasal passa a [ɔ̃] nasalizado na realização fonética (1997, p.39).

Caso 3: quando a nasal vinda de uma consoante que ocupa uma posição de coda ocorre em final de sílaba, sua autossegmentação é definida com apenas dois traços: [+voz], unido à Raiz e [nas] unido ao nó Supralaríngeo. A autossegmentação será interrompida logo abaixo deste nó, o que significa que esta nasal não é especificada

quanto ao lugar de articulação. Essa forma de analisar é equivalente à interpretação estruturalista de um arquifonema nasal.

3 Outros conceitos de análise fonológica

3.1 Padrões silábicos

Chamamos de padrão ou molde silábico a propriedade que determina o número máximo e o mínimo de elementos que uma sílaba permite numa determinada língua. Em relação ao PB, não há, segundo Collischoen (1999, p.110), um consenso entre os lingüistas sobre a quantidade máxima de elementos que uma sílaba possa conter. Isso é devido às diferentes análises fonológicas que podem ser realizadas por diferentes correntes teóricas. A autora traz alguns exemplos de padrões silábicos do PB:

V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

3.2 Processos fonológicos

Em *A Nasalidade, um Velho Tema*, artigo de Bisol, publicado na revista D.E.L.T.A. (1998), a nasalidade do PB é evidenciada mediante dois tipos de processos: a nasalidade por estabilidade (lexical) e a nasalidade por assimilação (pós-lexical). No primeiro processo, a nasalidade se dá pelo grupo VN (vogal mais componente nasal), na qual a nasal é desassociada, sem interpretação fonética, tornando-se flutuante para depois ocorrer como um

marcador de classe em final de palavra. Podemos caracterizar esse processo como o formador do ditongo nasal. Quanto ao segundo processo, verifica-se a formação da vogal nasal, na qual o componente N é subespecificado *in situ* por espriamento. Línguas como o francês e o português, que mostram nasalidade local, segundo Bisol, necessitam contar com o efeito da Estabilidade (GOLDSMITH, 1990), segundo o qual autossegmentos são preservados como flutuantes, quando desassociados, até que voltem a reassociar-se a componentes fonológicos vizinhos.

CAPÍTULO 3: REFLETINDO SOBRE ALGUNS DITONGOS EM PB

Neste capítulo, considerando os *insights* teóricos pontuados no capítulo anterior e tendo como ponto de partida a observação da realização de ditongos na fala, acrescida da nossa intuição como falante nativo desse dialeto e da observação que temos feito sobre a própria gramática escolar do Português, faremos uma breve reflexão sobre alguns casos envolvendo ditongos.

1 Ditongos decrescentes

1.1 Principais ditongos decrescentes

Os ditongos [ɪφ], [ʊω] e [oω] são muito raros em posição final de palavra porque, de modo geral, são apagados na fala. Entretanto, podemos considerar que esses ditongos existem subjacentemente e, a partir daí, tentar elaborar argumentos ou regras para o apagamento, tentando correlacionar o fenômeno com outros fatos da língua, de acordo com o nosso conhecimento de falante nativo (intuição, segundo teoria gerativa, ou dedução).

Observemos os exemplos a seguir:

1. /ʊɪ/ [ʊɪφ] “vi”
2. /ʊsɔ/ [ʊsɔ] “sul”
3. /ʊso/ [ʊso] “sou”

Com relação à possibilidade [ʊɪφ], poderíamos dizer que se trataria apenas de um caso de alongamento de vogal em final de palavra. No caso desse dialeto, porém, parece haver o aparecimento da semivogal [φ], reforçando a idéia de rima pesada, onde o glide funciona

como coda silábica. No caso de [ʊσω], o fenômeno da semivocalização da lateral /λ/ justifica a presença do glide [ω]. Apesar de, subjacentemente, a realização /oω/ existir como morfema de tempo/modo nos verbos (cant-o-u), na derivação de algumas formas esta realização em final de palavra é algo, no mínimo, questionável, se levarmos em conta a variante estudada, visto que a semivogal é apagada a partir de exemplos similares como /ʊπoω/ ~ [ʊπo], /ʊδοω/ ~ [ʊδο], o que comprovaria a inexistência deste ditongo em final de palavra na fala observada.

Em posição medial, podemos encontrar no PB as ocorrências dos ditongos decrescentes [ʊφ], [αφ], [ʊω], [εω] e [oω], como mostram os exemplos:

4. /γραυτοφτο/ [γραυτοφτυ] "gratuito"

5. /υγαφτα/ [υγαφτα] "gaita"

6. /υμυωτα/ [υμυωτα] "multa"

7. /υσεωμα/ [υσεωμα] "Selma"

8. /υτωωδο/ [υτωωδυ] "toldo"

Parece-nos que não há nenhum problema quanto à existência dos ditongos [αφ] e [oω], quando estes são seguidos de segmentos [coronal] em posição medial: os pares mínimos /υγατα/ /υγαφτα/, /υτοδο/ /υτωωδο/ evidenciam a ocorrência dos ditongos decrescentes, apesar de esta última possibilidade dar-se mediante a semivocalização da palatal /λ/. Processo igual a [oω] acontece com as realizações dos ditongos [ʊω] e [εω] em posição medial, onde a palatal semivocaliza, criando o glide [ω] independente do ponto de articulação da vogal (labial, coronal ou dorsal).

Diante do exposto acima, podemos inferir que, com relação à diferença entre [oω] e [ʊω], a regra que apaga o ditongo em [oω] é mais opcional que em [ʊω], uma vez que a manutenção deste último é altamente condicionada pelo registro de fala.

Já em relação ao ditongo [εω], parece não haver qualquer problema nas ocorrências com /ελ/ ou /Eλ/ ou /ιλ/ ou /αλ/, o que confirmaria a hipótese sobre a fusão de traços semelhantes ou idênticos, em [oω] e [ʊω].

Caso interessante ocorre com a realização do ditongo [ʊφ] em /γραϋτυφτο/, uma vez que, tomando-se o seu derivado “gratuidade”, ao falante dá a impressão de que existe a concorrência de duas realizações: a primeira como tendo a presença do ditongo [ʊφ], mantendo-se a forma subjacente, e a segunda, como se o glide [φ] fizesse parte do sufixo derivacional “idade”, o que eliminaria a forma fonética ditongada. Talvez essa dualidade de formas seja um reflexo da incerteza pelo falante da pronúncia com ou sem o ditongo do item lexical “gratuito”, levando-o, às vezes, a produzir duas sílabas diferentes. Nesse caso, teríamos um hiato no lugar de um ditongo: [γρατυϋτυ]. Isso também parece dizer que a distância entre hiato e ditongo em Português é muito fluida.

Em resumo, podemos afirmar que o ditongo final [ʊω] subjacentemente não ocorre no PB – ou mesmo no Português de modo geral. Todos os [ʊω] finais (ou mediais como em *culto*, *pulga*, *bulbo* etc.) parecem ser formas de superfícies de uma rima com duas moras – sílaba travada – com uma consoante /λ/ no travamento.

Há um processo automático no PB - pelo menos no dialeto observado - que muda /λ/ > /ω/ em coda silábica. Com base nesse processo, podemos levantar alguns questionamentos sobre que tipos de regras operam para a manifestação do ditongo /ʊω/. Essas regras podem ser ordenadas como segue: a) assimilação de traços; b) fusão de traços; e c) alongamento compensatório.

Por assimilação ou espraçamento de traços, segundo Clements & Hume (1995, p.258), entende-se a associação (ou espalhamento) de um traço ou nó de raiz de um segmento A ao segmento adjacente B, onde o primeiro adquire do segundo uma propriedade fonética inexistente no segmento A. No caso do ditongo /ʊω/, o segmento /λ/ adquire o traço [labial] da vogal /ʊ/ a partir do nó de Cavidade Oral. Isso representaria o tipo de assimilação chamado mudança de traço, ou seja, a consoante lateral de traço [coronal] na subjacência assimilaria na derivação o traço [labial] da vogal precedente, semivocalizando-se em [ω].

No caso da realização por processo de fusão de traço ou *dissimilação*, teríamos, na verdade, segundo a fonologia autossegmental, o desligamento do traço [coronal] da consoante /λ/ no C-place na forma de base, passando a fundir-se com o traço [labial] da vogal precedente /ʊ/. Isso desencadearia no Princípio do Contorno Obrigatório-PCO, que prediz que elementos (traços) idênticos adjacentes são proibidos (CLEMENTS & HUME, 1995, p.262)⁸, levando a inserir, mais tarde, uma regra de valor opositivo (*default*) para religar os segmentos mediante a fusão de traços [labial] *versus* [labial], apagando, assim, o ditongo na forma de superfície, cujo segundo elemento seria o glide [ω].

⁸Tradução nossa.

Já se levarmos em conta o processo de alongamento compensatório como responsável pela realização fonética de [ω], teríamos uma articulação secundária de arredondamento acrescida à articulação primária, ou seja, a consoante tornar-se-ia labializada quando fosse precedida por vogais arredondadas, no caso /υ/. Isso nos levaria a afirmar que a consoante /λ/ se trataria de uma consoante geminada, quando em travamento silábico, tornando-se em uma rima com duas moras ou duas unidades de tempo ligadas a um nó de raiz.

Assim, podemos esboçar o seguinte esquema derivacional:

Forma fonológica	/υλ/
Semivocalização de l	uw
Fusão de traços	uu
Alongamento Compensatório	u:
Forma de superfície	[υ:]

Existe, ainda, a possibilidade desse [υ:] passar a [υ] nesse dialeto. Há dois modos pelos quais isso pode ser investigado:

a) comparando com outras ocorrências de [υ], final ou medial, em que nós teríamos ou não o desligamento, como nos exemplos:

9. /αυζυλ/ → [αυζυ:] ou [αυζυ]

10. /ζευβυ/ → [ζευβυ:] ou [ζευβυ]

b) olhando o que acontece, quando colocamos outro segmento a mais na derivação:

11. /αυζυλ/ + s = [αυζυφ] - s
 12. /ζευβυ/ + s = [ζευβυ] - s

Em (10), /λ/ passa a /φ/ para receber o /-σ/, morfema de plural. Em (11), o morfema de plural entra direto depois da vogal, assim como acontecerá quando, subjacentemente, tivermos /ω/, como em [ηΕω] > [ηΕωσ], porém [αυνΕω] > [αυνΕφσ].

Ou então:

13. /αυζυλ/ + ino = [αυζυλ] - ino
 14. /ζευβυ/ + ino = [ζευβυ] - ino
 15. /αυζυλ/ + ada = [αυζυλ] - ada
 16. /ε®υβυ/ + ada = [ε®υβυ] - z - ada⁹

Desse modo, parece que podemos dizer que há uma distinção clara subjacente entre [αυζυλ] e [ζευβυ], no que diz respeito ao ditongo. Isso garante a existência de um ditongo /υω/ em posição final de palavra, mas apenas na superfície. O ditongo /υω/ é proibido já no nível profundo da representação. Entretanto, essa discussão precisa ser repensada em pesquisas posteriores ao levantarmos as seguintes perguntas: o ditongo verdadeiramente se realiza na superfície? Ou simplesmente /λ/ passa a /ω/ e é apagado, uma vez que não pode existir nem na representação profunda nem na representação de superfície?

Ditongos decrescentes em sílaba tônica no meio ou no final da palavra são muito freqüentes.

⁹ O segmento /ζ/, nesse caso, passaria a ser uma consoante de ligação. Se este já existe, na forma de base, torna-se desnecessário o seu emprego na junção de morfemas.

17.	/υφυφ/	[υφυφ]	Fui
18.	/εΝφεφυταϰα/	[ε)φεφυταϰα]	Enfeitava
19.	/υφεφτο/	[υφεφτυ]	Feito
20.	/φαυλεφ/	[φαυλεφ]	Falei
21.	/υκοφζα/	[υκοφζα]	Coisa
22.	/υφοφ/	[υφοφ]	Foi
23.	/υϰαφ/	[υϰαφ]	Vai
24.	/βραυζιω/	[βραυζιω]	Brasil
25.	/υδεω/	[υδεω]	Deu
26.	/αωδιυεΝσφα/	[αωδιυε)σφα]	Audiência
27.	/υλαωρα/	[υλαωρα]	Laura
28.	/ποΝυταω/	[ποϠυταω]	Pontal

Ditongos decrescentes em posição átona final não existem, a menos que consideremos ditongos superficiais criados pela regra que muda /λ/ para [ω] ou [φ] em coda silábica como em [αυμαϰεω] *amável* e [πουσιϰεφσ] *possíveis*.

Em posição pré-tônica medial é interessante notar que ditongos como [ιφ, υφ, εφ, οφ, αφ, υω, ιω, αω], a princípio, parecem realmente não existir ou existem muito esporadicamente. Entretanto, deve-se notar, após um exame mais cuidadoso, que esses ditongos ficam em sílaba átona quando o acento move-se para a direita em virtude de acréscimo de elementos na palavra por flexão e/ou por derivação. Assim, podemos ter:

29.	[υκυφδο]	[κυφυδαδυ]
-----	----------	------------

30. [υφεφτυ] [ι)φεφυταδυ]
 31. [υδοφδυ] [δοφυδι)υ]
 32. [υγαφτα] [γαφυτεφρυ]
 33. [υφιωτρυ] [φιωυτραδυ]

Os ditongos aw, ow, uw, como em

34. [υκυωτυ] [κυωτυυαρ]
 35. [υτωωδυ] [τωωυδεφρυ]
 36. [υπαωμα] [παωυμαδα]

são formas de superfície, dado que na forma subjacente, de acordo com a literatura, dever-se-ia ter /λ/ > [ω] em travamento silábico. Essa, contudo, parece ser uma decisão arbitrária, a princípio, pois não há a possibilidade de se estabelecer paradigmas que permitam comprovar a forma subjacente /λ/ nesses ambientes, pelo menos em termos sincrônicos. As únicas evidências para /λ/ parecem ser dialetais – ocorre em algumas regiões e na fala de pessoas idosas.

Não há muito que se dizer em relação à posição tônica. Todos os ditongos, com exceção de /ιφ/, podem ocorrer aí. A exclusão de /ιφ/ pode ser explicada por restrições de caráter fonético.

Se observarmos o sistema de acentuação do Português¹⁰, é predizível a inexistência de ditongos em posição pós-tônica, desde que esse ditongo receba peso silábico e essas sílabas

¹⁰ Uma regra de acentuação no nível fonológico atribui acento, automaticamente, às palavras monossilábicas. Uma regra lexical posterior separa o léxico em acentuado e não-acentuado. Parece que não há em PB – mas isso

sejam automaticamente acentuadas. Em conformidade com a relevância do peso silábico, Wetzels (1997) atenta para uma análise do acento em PB de peso-sensitivo (PARDAL & LAKS, 1991, *apud* WETZELS, 1997). O autor procura mostrar que o PB seleciona o troqueu moraico como seu tipo básico de pé. Wetzels considera que a formação de pé se aplica da margem direita da palavra num padrão não-interativo, justificando o fato de que a maior parte das palavras terminadas em sílaba pesada tem acento final, bem como a ausência de acento proparoxítono em palavras com uma sílaba pesada pré-final, que se apresenta como uma das mais fortes regularidades no sistema de acentuação do Português, fora do léxico verbal. Ainda de acordo com Wetzels, podemos observar isso em siglas, como 1) [ε®∪βραπα] mas 2) [ε®βρα∪τΕω], onde a sílaba pesada final claramente carrega o acento.

Como já vimos, parece que o ditongo /tɸ/ não existe em meio de palavra, mas apenas em posição final. Ainda assim, essa ocorrência apresenta algumas questões quanto ao *status* tanto fonológico quanto fonético – e podemos pensar até mesmo em termos morfológicos, se admitirmos que o que aí existe e que dá a impressão de ditongo tem um papel na morfologia, quer dizer, trata-se de um elemento com significado.

O ditongo /vɸ/, nessa posição, existe, conforme discutido na secção anterior, mas sua ocorrência é bastante rara e tende a desaparecer completamente no vernáculo, porque os termos em que ocorre são basicamente eruditos¹¹. Entretanto, não parece haver problema com a sua ocorrência diante de /τ/ e /δ/, o que pode ser dito para todos os ditongos. Isso nos leva a concluir que as obstruintes não-contínuas formam uma classe de segmentos que não restringe ditongos precedentes, qualquer que seja a constituição desses ditongos: /vɸ/ ou /vɔ/.

vale a pena ser examinado – na parte do léxico monossilábico não acentuado, ditongos. Isso parece indicar, ainda, que a regra se aplica fazendo referência à morfologia – classe de palavras – e não à fonologia.

¹¹ Ver como /γρα∪τυφ-το/ passa a [γρατυ-∪ι-το], por exemplo. Além disso, ver como o único ditongo nasal /vɸ/ ocorre na palavra /∪μυφτο/.

1.2 Redução de ditongos decrescentes

Em alguns casos, no que seria visto através da literatura como um ditongo decrescente oral, observamos o apagamento do glide a partir da forma de base, se considerarmos que a forma de base seria o chamado dialeto padrão. Tal ocorrência é indicada como processo de monotongação, fenômeno bastante comum e previsível em PB. Numa perspectiva da fonologia não-linear, podemos relacionar esse fato com os ditongos falsos de Bisol (1989), conforme discussão no capítulo teórico. O fato tem sido objeto de grandes discussões, sob diferentes perspectivas. Discutiremos aqui alguns casos interessantes.

Vejamos os casos apresentados pelos ditongos que se monotongam na forma de superfície.

Caso 1: em posição medial, a semivogal /ɤ/ se apaga diante de consoantes coronais /p/, /s/.

Caso 2: em posição final tônica, a semivogal /ɔ/ se apaga quando o ditongo na forma de base seria /oɔ/.

Caso 3: o glide /ɔ/ é eliminado diante de consoante dorsal /k/.

Todos os casos mencionados acima estão ilustrados a seguir:

- | | | | |
|-----|-------------|------------------|----------|
| 37. | /ɔδεφσα/ | [ɔδεσα] | Deixa |
| 38. | /πριɔμεφρο/ | [πριɔμερυ] | Primeiro |
| 39. | /καφɔς τε/ | [καɔς τι] | Caixote |
| 40. | /αωκαɔσεφ/ | [ακαɔσεφ] | Alcancei |
| 41. | /ɔωτρυ/ | [ɔοτυ] ~ [ɔοτρυ] | Outro |
| 42. | /ακαɔβω/ | [ακαβω] ~ [καβω] | Acabou |

Uma primeira observação diz respeito ao fato de que a monotongação ocorre apenas em sílaba medial. Em segundo lugar, a acentuação não tem nenhum papel na manifestação do fenômeno. Assim, resta observar o segmento seguinte e estabelecer quais aqueles que condicionam o apagamento do glide em travamento silábico.

O glide coronal /ϕ/ sofre apagamento diante das consoantes também coronais /Σ, ρ/. Diversas interpretações podem ser sugeridas para esse fenômeno, que já tem sido tratado amplamente na literatura sobre ditongos (ver aqui, mesmo, na nossa discussão sobre falsos ditongos com base em Bisol (1989), para cujo texto original remetemos o leitor). Mais do que nos propormos a dar outra interpretação ou aceitarmos a proposição de Bisol (1989), levantamos aqui uma questão apenas. Se os ditongos que ocorrem antes dos segmentos [±cont, cor] – consideramos, a partir de Clements & Hume (1995), que /p/ é um segmento [+cont] e que esse é o traço que o opõe a /λ/, por exemplo, pelo menos no Português – são falsos ditongos e, por isso, podem ser apagados na superfície, desde que são também criados na superfície, por que, então, os mesmos ditongos podem ser verdadeiros – e nunca apagados na superfície diante de segmentos com, basicamente, a mesma especificação de traços, como [τ, δ, λ, ζ, σ], que se distinguem dos precedentes pelo traço [+ant]?

Alguns exemplos como *feito*, *cuido*, *baila*, *coisa*, *foice*, *caibro* podem ser considerados, na distinção entre ditongos verdadeiro e falso de Bisol (1989), como portadores de ditongos formados na subjacência, uma vez que o apagamento do glide /ϕ/ criaria na superfície palavras que não existem, embora sejam possíveis, em PB: *cuido* ~ **cudo*, *coisa* ~ **cosa*, *caibro* ~ **cabro*. Em outros, teríamos vocábulos de significado diferente de seu correspondente fonológico, ou pares mínimos: *feito* # *feto*, *baila* # *bala*. Assim, apesar de termos nos exemplos citados a realização plena dos ditongos cujos segmentos seguintes

comportam-se mediante os mesmos traços [cor, +ant] daqueles responsáveis pela queda da semivogal /ø/, podemos inferir que o critério de segmento seguinte para atestar a monotongação torna-se um tanto insuficiente na distinção entre ditongo fonológico e fonético, prevista por Bisol (1989).

Sobre a representação das consoantes palatais, principais segmentos seguintes responsáveis pela formação do ditongo falso de Bisol (1989), Mateus (2000, p. 151-2) fornece outro argumento de apoio para o tipo de traço formador do ditongo falso. A representação em PB da consoante fricativa palatal com articulação secundária (ou consoante complexa) proposta em Bisol (1999), segundo a geometria de traços de Clements & Hume (1995), não está de acordo com a consoante palatal do português europeu e brasileiro, sendo esta uma consoante simples, afirma Mateus. Sobre o tipo de traço constituinte do ditongo falso, a autora postula que:

se tivermos em conta o conceito de subespecificação, as fricativas palatais podem mesmo ser identificadas por um só traço articulador, o coronal ([-anterior]), visto que o dorsal lhes é atribuído por defeito (as subespecificadas são [-recuadas]) (MATEUS, 2000, p.152).

Dessa forma, o argumento sobre a existência de ditongos verdadeiro e falso, segundo Mateus (2000), não deveria apoiar-se numa interpretação da consoante fricativa palatal como sendo esta uma consoante complexa, com articulação secundária nos moldes da geometria de traços de Clements & Hume (1995), mas, sim, como uma consoante simples.

O apagamento de /ω/ antes de qualquer um dos segmentos não parece ser condicionado pelo segmento seguinte, mas, em vez disso, pela classe da vogal precedente, como já temos observado antes. Para isso, basta observar que diante dos mesmos segmentos /ω/ sofre apagamento se a vogal precedente é /ʊ, o/, mas não se essa vogal é /i, e, œ/.

O caso interessante, e isolado, em que [ω] é apagado depois de /α/ e antes de /κ/ é, evidente, uma idiossincrasia do falante, que, na verdade, pode-se estender ao dialeto no qual nos inspiramos para este estudo. Uma classe social completamente iletrada tende a pronunciar /λ/ nessa posição como [η]. Como sabemos, [η] em travamento silábico, nessa variedade de fala, é, de modo geral e facilmente, apagável¹². Esse é um caso evidente onde [ω] é realização de superfície, desde que pode passar a [η] e daí a [O], o que garante que a forma de base é /λ/, estando assim de acordo com a literatura e com a ortografia padrão.

1.3 Formação de ditongos na superfície

1.3.1 Ditongos formados por epêntese

Um outro fato a nos chamar atenção é a criação de ditongos por epêntese do glide /φ/ na forma de superfície.

43.	/υφάζ/	[υφάφσ]	Faz
44.	/καυπασ/	[καυπαφσ]	Capaz
45.	/υμασ/	[υμαφσ]	Mas
46.	/ηαυπασ/	[ηαυπαφσ]	Rapaz
47.	/υτρασ/	[υτραφσ]	Traz
48.	/υφεσ/	[υφεφσ]	Fez
49.	/υωεσ/	[υωεφσ]	Vez

¹² Daria uma boa discussão ver nesse dialeto onde: o ditongo apaga em posição não esperada e, a partir daí, tentar deduzir se, subjacentemente, poderíamos considerar a consoante em travamento silábico, onde não há paradigmas, /ω/ ou /λ/. Ver o caso de *palma*, por exemplo.

Com relação a este fato no PB, Bisol (1989) classifica tal formação como mais um exemplo de ditongo fonético ou falso, atribuindo à consoante coronal anterior /σ/ de final de sílaba a função de gatilho da regra que cria os ditongos decrescentes /αφ/ e /εφ/¹³.

De um modo interessante, esses ditongos, também considerados falsos por Bisol (1989), ocorrem apenas em final de palavra¹⁴. Nesse caso, parece correto afirmar que um glide coronal é criado entre uma vogal e um /σ/ final e que, por isso, o ditongo assim originado é de superfície.

Contudo, vale observar que, no Português, consoantes em travamento silábico em posição final tendem a criar falsos ditongos, com ou sem /σ/ seguinte. Assim, /N/ mas não /R/ - ver discussão de um processo de criação de ditongo envolvendo esse segmento no tópico seguinte – tende a realizar-se como [φ] em palavras como [τὰβἔφ], [ἄἔφ] [ἄἔφσ]¹⁵. Isso parece indicar que um segmento coronal em posição final tende a criar um glide precedente. No caso de /σ/, que é um segmento completamente especificado, mesmo nessa posição, ou, pelo menos, é especificado para [cor], ele permanece como tal, após a criação do glide. No caso de /N/, não-especificado para ponto – mas poder-se-ia deduzir, a partir da operação dessa regra, que deva ser especificado como coronal porque cria um glide coronal do mesmo modo que /σ/, que é, definitivamente, tanto do ponto de vista fonético como do ponto de vista fonológico, coronal – os traços de cavidade oral são desligados e apenas o traço [+nas] liga-se, por espriamento, à vogal precedente. Assim, em vez de dizermos que o glide é criado por epêntese, diríamos que se trata de uma assimilação do traço

¹³ Se observarmos o PB em geral, sabemos que também os ditongos /υφ/ e /οφ/ podem ser criados por este processo. No *corpus* analisado, contudo, não tivemos exemplos desses ditongos.

¹⁴ Em alguns dialetos do Nordeste, podemos observar que uma sibilante coronal em travamento silábico pode também criar um ditongo [vj]. Assim, /ἄμεσμου/ > [ἄμεφζμου], /ἄγ στυ/ > [ἄγ φστυ].

¹⁵ Apesar de representarmos apenas um segmento nasalizado: [υ̃], acreditamos que a nasalização ocorra também no glide [φ̃] conforme Bisol (1998) admite quando trata do espriamento do traço nasal em toda a rima: [υ̃φ̃].

[cor] do segmento seguinte. Essa autosegmentação faz referência à estrutura da sílaba – travamento silábico – e à classe do segmento seguinte – [cor].

1.3.2 Ditongos formados por vocalização de consoante em coda silábica

Existe um falso ditongo ou ditongo de superfície criado a partir de um /P/ em coda, que se torna semiconsoante coronal. A seguir, descrevemos esse fato.

Fenômeno bastante peculiar no dialeto observado, podemos verificar a criação de ditongo decrescente na realização fonética diante de sílaba constituída por consoante coronal /P/ na posição de coda. A formação do glide /φ/ ocorre através de um processo de assimilação de traços da consoante coronal /P/.

Esse processo ocorre em posição medial de palavra, formando os ditongos decrescentes /αφ/ e / φ/¹⁶.

50.	/καΡυγεφο/	[καφυγερυ]	Cargueiro
51.	/μαΡΣαυζι)ασ/	[μαφΣαυζι)ασ]	Marchazinhas
52.	/υπ Ρτα/	[υπ φτα]	Porta

Nos exemplos acima, podemos ver que foram encontradas 03 (três) consoantes: a dorsal /γ/, a palatal /Σ/ e a coronal /τ/.

Vale lembrar aqui que /P/ em coda, no dialeto que estamos observando, realiza-se, de modo geral, como fricativa aspirada [η]. Entretanto, conforme já notado, [η] é facilmente apagável nessa posição. Em coda final, por exemplo, a manifestação pode ser [O], como em

¹⁶ Estamos considerando a realização / φ/ como ditongo decrescente, apesar de que, no dialeto padrão, não encontramos tal possibilidade de ditongo.

/ʊmɔp/ > [ʊmɔŋ] > [ʊmɔ:] > [ʊmɔ]. Em posição medial, a variante [O] dificilmente é encontrada – embora possa ocorrer, quando temos, por exemplo, uma forma como *alcancei* em que /ʎ/ > [P] > [ŋ] > [ɸ] > [O], desde que estejamos considerando as possibilidades de mudança fonética, que, segundo Lass (1984), não pode “dar pulos”.

Quando o fonema é realmente /P/ subjacentemente parece que aí a realização [O] não é encontrada, talvez porque o falante tenha consciência de contrastes como [ʊkɔPɣɔ] vs. [ʊkɔɣɔ].

Esse fenômeno é observado em posição medial apenas e diante de segmentos /ɣ, τ, Σ/. Naturalmente, observando-se a disparidade entre os três segmentos, tanto em modo de articulação, [+cont], [-cont], quanto em ponto de articulação, [cor +ant], [cor -ant], [dorsal], já se sabe que segmentos seguintes não favorecem a realização. A única explicação disponível é que, novamente, como nos casos discutidos de /S/ e /N/ em travamento silábico, /P/, o outro segmento permitido, na língua, em coda silábica – os outros são os glides /ω,ɸ/ - pode manifestar-se na superfície como um glide.

2 Ditongos crescentes

2.1 Principais ditongos crescentes

De acordo com a literatura discutida no capítulo 1, o valor fonológico dos ditongos crescentes em língua portuguesa tem merecido a atenção de alguns teóricos como Câmara Jr. (1970), Couto (1994) e Bisol *et al.* (1989). Segundo esta última, o ditongo crescente seria apenas resultado de rimas de duas diferentes sílabas na subjacência do item lexical. Esse processo é denominado por ela de ressilabificação, a que não se atribuiria função alguma no

sistema fonológico do PB. Já Câmara Jr. (1970) considera o ditongo crescente como seqüência de duas vogais assilábicas na palavra, indicando que o ditongo está, na verdade, em variação livre, o que lhe confere a natureza de um hiato.

As possibilidades de ocorrências de ditongos crescentes, na fala, são apenas [ɸv] e [ɸα]. É muito provável que as coisas se apresentem como descrito a seguir. Com exceção de *Maceió*¹⁷, onde temos sílaba tônica final, em todos os demais exemplos, o ditongo ocorre em sílaba átona. Olhando-se a fonologia do Português, sobretudo a partir de Câmara Jr. (1986), sabemos que o sistema de sete vogais orais em sílaba tônica /i ʊ ε E o α/ reduz-se a um sistema de três vogais em sílaba átona final /i ʊ α/. Um ditongo átono final com a constituição /ɸi/, foneticamente é difícil de ser realizado, desde que os dois segmentos tendem, por princípios universais, a fundir-se em um só, na medida em que fazem parte da mesma sílaba. Ocorrências como /ʊσEρφε/, pronunciada [ʊσEρi] ou, no máximo, em fala cuidadosa, [ʊσEρɸi], podem ser encontradas apenas na ortografia padrão.

Esses ditongos podem ou não ser monotongados pelo apagamento do glide em variação livre. Essa variação livre, porém, não é do tipo proposto por Câmara Jr. Não se trata de encontrar-se uma variação em um nível de representação muito abstrata, como parecem ser as análises propostas pelos dois autores, mas uma variação em um nível bastante de superfície.

Assim, nos exemplos apresentados a seguir em dois grupos, no primeiro grupo não vimos nenhum apagamento. No segundo, há realização sem glide, portanto como monotongo. Observe-se, porém, que, nos dois grupos, temos os mesmos ambientes. Não há nada, então, do ponto de vista intrinsecamente lingüístico, que favoreça uma ou outra realização. Logo, como

¹⁷ Esta é uma palavra esdrúxula em PB, pois possui origem indígena.

dissemos antes, esse é um fenômeno de superfície, condicionado por fatores extralingüísticos, tais como escolaridade, por exemplo, mas, principalmente, pelo tipo de registro.

GRUPO 1

53. /ῡωεφυ/ [ῡωεφυ] Veio
 54. /αυποφυ/ [αυποφυ] Apoio
 55. /υκατφα/ [υκατφα] Kátia
 56. /κουλο)νφα/ [κουλο@νφα] Colônia
 57. /ῶαυλερφα/ [ῶαυλερφα] Valeria
 58. /νευγ σφυ/ [νευγ σφυ] Negócio
 59. /ῡπαρφυσ/ [ῡπαρφυσ] Vários
 60. /αωδιυε)σφα/ [αωδιυε)σφα] Audiência
 61. /ηευμΕδφυ/ [ηευμΕδφυ] Remédio

GRUPO 2

62. /αυΡεφα/ [αΡευα] Areia
 63. /Σευφα/ [Σευα] Cheia
 64. /μασΕυφ / [μασΕυ] Maceió

O primeiro dos grupos apresentados acima mostra estabilidade, não apagando o glide. Entretanto, deve-se notar que, nesse mesmo dialeto, o ditongo /Cφ/ em sílaba final átona pode ser reduzido como /σιε)σφα/ > [σιυε)σα] 'ciência' e /ιστ Ρφα/ > [ισυτ Ρα] 'história'.

2.2 Ditongos originados em semivocalização de consoante lateral

Uma realização bastante estigmatizada em relação ao dialeto padrão, mas muito comum no dialeto em que estamos nos baseando, é a formação do ditongo crescente mediante a semivocalização da lateral /x/. Essa ocorrência deve-se a uma mudança de traços. O traço [+lateral] de /x/ muda para [+aproximante]. Os traços [+voz] e ponto de articulação [coronal +anterior] são mantidos. Esse é um processo bastante simples e trata-se de um caso de variação livre, uma neutralização por excelência, desde que o processo reduz-se a uma operação de desligamento de traço.

O exemplo /ʊφixʊ/ > [ʊφiφʊ] ilustra bem a neutralização. Também nesse exemplo, pode-se ver que a semiconsoante derivada sofre posterior processo de apagamento, o que coloca /ʊ/ na coda, onde a vogal passa, por sua vez, a semiconsoante labial. Entretanto, nota-se a diferença entre o ditongo derivado [ʊφiω] filho e o possivelmente hiato em /ʊφiʊ/ fio. Se, foneticamente, [ʊφiʊ] pode realizar-se [ʊφiφʊ], temos, então, a criação de um ditongo: 1) por espriamento de traço coronal da vogal precedente; ou 2) alongamento dessa vogal.

2.3 Ditongos crescentes /κωV/ e /γωV/

É sabido na literatura sobre os ditongos crescentes que a sua existência é bastante duvidosa quanto ao *status* fonológico que lhes é atribuído em PB, o que leva boa parte dos teóricos a afirmar que os ditongos crescentes são duas vogais contíguas de sílabas diferentes, ou que estes representam seqüência de duas rimas assilábicas, estando em variação livre com hiatos na palavra.

Porém, sabe-se também, de acordo com a literatura existente, que os únicos ditongos crescentes que possuem *status* fonológico são aqueles constituídos por /κωV/ e /γωV/ em posição de ataque na sílaba ditongada. Teóricos como Câmara Jr. (1970) e Bisol (1989, 1994),

entre outros, consideram a formação de ditongos crescentes na subjacência como apenas os precedidos por /κ/ ou /γ/.

Esses ditongos crescentes podem aparecer inalterados, como nos casos apresentados a seguir.

- | | | | |
|-----|-----------|----------------------|--------|
| 65. | /ομογωα/ | [ομογωα] | Mágoa |
| 66. | /οκωατρυ/ | [οκωατρυ] ~ [οκωατυ] | Quatro |
| 67. | /οκωαζι/ | [οκωαζι] | Quase |

Não há muito que dizer a esse respeito, além do que já existe na literatura. Podemos, talvez, listar, intuitiva e aleatoriamente, alguns exemplos com o objetivo de verificarmos o seu comportamento na língua:

- | | | | |
|-----|-----------------------|----------|----------|
| 68. | quase | case | |
| 69. | tranqüilo | quilo | esquilo |
| 70. | freqüente | quente | esquente |
| 71. | agüentar | guerra | |
| 72. | esquálido | cálido | |
| 73. | água | aguar | |
| 74. | lingüista | esguicho | |
| 75. | mágoa | maga | magoar |
| 76. | quatro | cato | |
| 77. | qüerudo ¹⁸ | querido | |

¹⁸ (De *qüera* + *udo*): Adj. Bras. S. 1. *V. valentão (1)* [Cf. *cuerudo*]. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico**. Século XXI. Versão 3.0. nov. 1999.

Diante disso, podemos observar que a freqüência de ocorrência desses ditongos é muito baixa, bem como sua distribuição. As vogais /u/ e /o/ são proibidas. Isso parece indicar que há, realmente, um segmento labial na seqüência e uma ação de PCO (Princípio do Contorno Obrigatório). As vogais /ɪ/ /ɛ/ não ocorrem em sílaba inicial. Apenas /α/ parece ocorrer indiscriminadamente.

Basicamente, não há contrastes por pares mínimos, entre /κω/ ou /γω/, por um lado, e /κ/ ou /γ/, pelo outro. Mas esse contraste existe, por exemplo, em: *quase* e *case*; *mágoa* e *maga*. Podemos verificar alguns casos, ainda, em que, embora a língua não apresente nenhum tipo de contraste, a ocorrência do ditongo /κω/ ou /γω/, em oposição à consoante simples /κ/ ou /γ/, não é previsível: *tranqüilo*, *quilo* e *esquilo*; *freqüente*, *quente* e *esquente*, *agüentar* e *aguerrido*; *lingüiça* e *preguiça*.

Todos os contrastes, porém, podem ser eliminados em dialetos bem distantes do padrão. Assim, pode-se ouvir de falantes iletrados: [τρα)κιλυ], [φρε)κε®τσι], [)καζι] (por quase).

Em verbos derivados de substantivos, quando o acento passa para as desinências que começam com vogal, o ditongo é desfeito e cria-se um hiato:

78. água: agu-ar, agu-ei, agua-amos, etc.

79. mágoa: magu-ar, mago-ei, mago-amos, etc.

Dessas observações, podemos deduzir que o *status* de ditongo estabelecido na literatura para /ωV/ seguindo /κ/ ou /γ/ poderia ser objeto de um estudo mais alentado, levando-se em conta tanto variações dialetais, como os paradigmas morfológicos ou a estrutura interna da palavra.

3 Ditongos nasais

3.1 Principais ditongos nasais

Ditongos nasais ocorrem em sílaba final, tanto acentuada como não-acentuada. Quando os ditongos nasais ocorrem em meio de palavra, de modo geral, temos um derivado em termos de grau: feijão > feijãozinho ou feijãozão.

Com respeito à [v®φ®] que ocorre em *muito*, essa é uma das duas ocorrências de ditongo nasal medial em Português, que não pode ser considerada derivada – a outra é *câimbra*. Sincronicamente, essas ocorrências são difíceis de serem explicadas, uma vez que, partindo de uma representação lexical do ditongo nasal como sendo /VGN/ – vogal oral seguida de mora nasal tautossilábica, palavras como *muito* ou *câimbra*, segundo Wetzels (1997), não possuem consoantes nasais em posição de coda, condição *sine qua non* para o espraiamento do traço nasal sobre a vogal precedente (assimilação regressiva). Além disso, segundo o autor, não há prova independente para a existência subjacente da mora nasal (consonantal), nem distribucional, nestes casos. Por isso, Wetzels (1997) considera a estrutura silábica de *câimbra* ou de *muito* como sendo lexical uniformemente, onde /N/ seria extra-silábico, descartando, assim, uma análise /VGN/ para os referidos ditongos.

Para finalizar, Wetzels caracteriza os ditongos nasais em PB como sendo representados subjacentemente como uma seqüência /V{φ,ω}/, da qual pelo menos a vogal alta é lexicalmente nasal.

A ocorrência *feijãozinho* pode ser generalizada. Todos os substantivos terminados em /-a)o/, ao receberem o sufixo diminutivo /-ζivηo/, deixam em posição medial de palavra uma seqüência de segmentos, como constituinte silábico, que, de outro modo, só parece ocorrer em posição final. Esse fato traz à tona uma questão que já tem sido levantada: /-ζivηo/ pode ser

considerado um sufixo, preso ao nome, ou um modificador, quase como um adjetivo? Essa, porém, é uma questão que se deixa para um estudo morfofonológico mais específico.

O que seria necessário discutir aqui é se ditongos nasais são subjacentes em Português ou se, como se propõe para as vogais nasais, eles são criados na superfície a partir de uma mora nasal.

Conforme o que foi discutido anteriormente sobre os exemplos *muito* e *câimbra*, Wetzels (1997) confere uma análise do ditongo nasal diferente da de Câmara Jr. (1970), atribuindo à mora nasal (ou, para Câmara Jr., arquifonema nasal) qualidade extra-silábica. Desse modo, a representação subjacente do ditongo nasal seria /V{ϕ,ω}/, onde a semivogal alta teria o traço [nasal] lexicalmente. Em outras palavras, Wetzels assume que o ditongo nasal forma-se na estrutura subjacente do PB.

Com relação à predominância da posição final de palavra em detrimento das outras posições, podemos justificar tal fato com base em Wetzels (1997, p.23) quando este afirma que os ditongos nasais predominantemente ocorrem em posição final de palavra, sendo [α®ω®] o mais freqüente. Já com relação ao ditongo [α®ϕ®], Wetzels (1997) afirma que este somente ocorre em final de palavra, como em *mãe*.

De acordo com Wetzels (1997), palavras que terminam num ditongo nasal geralmente possuem acento na sua sílaba final, o que vem justificar uma representação bimoraica (“rima pesada”) para os ditongos nasais. Em outras palavras, a análise sobre a existência do ditongo nasal quanto à acentuação reside, crucialmente, na noção de peso silábico, que, por sua vez, condiciona duas regras fonológicas: a primeira, conhecida por Abaixamento Espondaico (*Spondaic Lowering*), em Wetzels (1992,1995), explicada pela neutralização do acento das vogais médias em sílabas pré-final; a segunda, chamada de Lugar Acentual¹⁹ (*Stress*

¹⁹ Tradução nossa.

Placement), a qual postula uma análise do acento em Português como sendo sensível ao peso silábico para os segmentos como os ditongos nasais.

No que se refere à regra do Abaixamento Espondaico, Wetzels (1997) acredita ser apenas uma das muitas regras que eliminam a oposição entre vogais médias altas e baixas, em favor da vogal média baixa. Isso pode se aplicar às palavras paroxítonas que terminam numa seqüência que pode ser, segundo o autor, definida como “sílaba pesada”.

Já com relação à regra do Lugar Acentual, o lingüista considera o português como sendo uma língua que seleciona o troqueu moraico como seu tipo básico de pé, na qual a sua formação se aplica da margem direita da palavra num padrão não-interativo, justificando a hipótese de que a grande maioria das palavras em PB terminadas numa sílaba pesada tem acento final.

3.2 Ditongos nasais decrescentes formados por redução silábica

Uma realização /o[®]φ[®]/ pode se encontrada em posição final de palavra, como em 79 abaixo.

80. /ανυτονφ[®]/ [α)υτο)φ[®]] Antônio

Outras possibilidades de ditongos que nascem por redução silábica já foram analisadas por Silva (1999, p.50), além do nosso exemplo, como em:

81. /καυτ λικυ/ [καυτ φκυ] católico

82. /υφολεγυ/ [υφοφγυ] fôlego

83. /τΕ υτονφ[®]/ [τΕαυτο[®]φ[®]] Teotônio

Segundo Silva (1999), o processo de apagamento da vogal átona final pós-tônica é o resultado da redução encontrada nos exemplos 80 e 81, onde a lateral /λ/ realiza-se no travamento silábico, semivocalizando-se para formar o ditongo decrescente oral. Com relação ao exemplo 82, Silva descreve-o da seguinte forma:

a vogal átona final é elidida (...) e a consoante passa para o travamento silábico, vocalizando-se; o que gera um ditongo decrescente nasal (1999, p.51).

Há uma série de ditongos nasais fonéticos identificados no nosso dialeto que podem ser divididos em dois tipos:

1. uma sílaba final não-acentuada, em palavras paroxítonas, constituída por /vV/, onde V # a, é reduzida a uma semiconsoante coronal rossilabificada, o que cria uma rima ramificada na sílaba precedente, constituindo um ditongo nasal decrescente.

84. /αNυτονφυ/ > [α)υτο)φ®]

85. /υσοN{υ/ > [υσο®φ®]

86. /υσοN{ι/ > [υσο®φ®]

2. a sílaba pós-tônica constituída por NV²⁰, em palavras proparoxítonas, tem a vogal apagada e /v/ rossilabifica como /φ/, do mesmo modo como no caso acima, criando uma rima ramificada, com conseqüente ditongo nasal decrescente em meio de palavra.

87. /υονιβυσ/ > [υο®φ®βυ]

²⁰ Não estaremos observando aqui, mas vale lembrar que a mesma coisa acontece, criando-se um ditongo oral decrescente, em palavra como católico.

88. /βυοβοϕνικα/ > [βοοβοϕκα]

Nos dois casos, podemos considerar que nos dois ditongos de superfície assim criados os dois constituintes da rima, núcleo e coda são nasalizados. O elemento do núcleo já era nasalizado pela regra que espraia nasalidade de uma consoante nasal para a vogal à esquerda; o elemento da coda é, subjacentemente, a coronal [v] que, ao ressilabificar como coda, muda, no nó de raiz, de [+cons] para [+aprox] e, na cavidade oral, de [+ant] para [-ant], mantendo o traço [+nas] que também pode ser ligado ao nó de raiz.

Uma consideração interessante pode ser feita a partir da observação desses fatos, se os compararmos com a regra que nasaliza vogais por assimilação regressiva de coda nasal subjacente em Português. Isso parece indicar que a diferença entre a realização como o traço nasal sobre a vogal precedente (vogal nasalizada) e como [ϕ] nasal em coda faz referência à estrutura da sílaba: nasal em coda nasaliza vogal precedente e é apagada; nasal em onset seguinte, quando o núcleo a que ela se liga é apagado, por regras que fazem referência ao acento, ressilabifica como coda, sofre mudança de traços e realiza-se como [ϕ] nasal.

3.3 Ditongos nasais decrescentes que podem sofrer redução

Ditongos nasais decrescentes podem ser reduzidos.

89. /υμυϕτυ/ [υμυτΣυ] Muito

90. /vαω/ [υvυ] Não

91. /υσασ/ [υσυ] São

Numa análise diacrônica, a hipótese que poderíamos levantar para as ocorrências acima estaria na possível explicação dada aos termos latinos *multus* (muito), *non* (não) e *sunt* (são). De acordo com Silva (1991), as vogais e consoantes nasais do Português resultam de vogais seguidas de consoantes nasais do latim, na qual se tem como regra fonológica a assimilação regressiva. Em posição final de palavra, em geral, as vogais resultam da perda de elementos finais, ou seja, da apócope que permite a nasal etimológica vir a travar a sílaba e nasalizar a vogal precedente: *coratione* > *coraçõ* [õ], *cane* > *can* [ã], *amant* > *aman* [ã] *ama(ve)runt* > *amaron* [õ] (SILVA, 1991, p.73).

Silva apresenta outras nasais finais que resultam da fusão de vogais de faixa de altura igual como consequência da síncope da nasal intervocálica etimológica: *alicunu* > *algu* > *algun* [ũ]; *unu* > *u* > *um* [ũ]; *fine* > *fĩ* > *fim* [ĩ] (1991, p.74). Tais vogais nasais eram antes hiatos de vogais idênticas, os quais, por sua vez, se desfizeram mediante a semivocalização da vogal, gerando, assim, a margem do ditongo, afirma a autora.

Assim, diacronicamente, poderíamos postular que a realização [ũvũ], bem como [ũsvũ], representa algum estágio antigo do Português onde houve inicialmente os seguintes processos:

1º) apócope dos elementos finais da palavra que resultaria no travamento silábico pela nasal etimológica, gerando uma assimilação do traço nasal à vogal precedente.

2º) síncope da nasal intervocálica etimológica, gerando a fusão de vogais nasais, que antes eram hiatos de vogais idênticas.

Podemos resumir tais possíveis processos ocorridos nos ditongos analisados de acordo com o esquema abaixo:

92. *sunt* > *son* > *so* > *su* > *su*

93. non > no[̃] > nu[̃]u[̃] > nu[̃]

A partir de fatos como os observados nessas realizações dos ditongos nasais decrescentes /ɯ̃[̃]ɸ/ e /α̃[̃]ω[̃]²¹, também a partir da discussão precedente, podemos postular o seguinte:

1. o ditongo em *muito* pode ser o resíduo de um estágio antigo, esquecido, em que a constituição da palavra seria alguma coisa como *munVtu*.
2. [ɯ̃[̃]α̃[̃]ω̃[̃]] é um caso complicado. Poderia também se tentar uma explicação diacrônica, tanto histórica, a partir do latim, como comparativa, a partir das línguas irmãs.
3. [ɯ̃[̃]σ̃[̃]α̃[̃]ω̃[̃]] pode ser interpretado como /μ/ em coda final que passa a [ω]. Assim, pode-se dizer que esses ditongos finais são subjacentemente nasais, sincronicamente, pois não há como predizer a nasalidade de /α̃[̃]/ a partir de um /ω/ seguinte, a menos que esse /ω/ seja, na verdade, a realização de uma consoante nasal.

²¹ Essa observação pode ser estendida para os ditongos em desinências verbais que são, coerentemente, grafados com m na ortografia padrão do Português.

CONCLUSÃO

A título de conclusão, listamos algumas das observações que consideramos importantes a respeito dos ditongos:

1. confirmando o que vimos na literatura, os ditongos decrescentes são os únicos que podem ser considerados verdadeiramente ditongos. Os mais freqüentes são /εφ, οφ, αω/, em que os dois elementos que formam a seqüência são foneticamente dessemelhantes. Os ditongos /ιφ, υω, οω/ são, de modo geral, apagados, tanto em posição medial como final, o que pode ser atribuído ao fato de que vogal e semivogal apresentam semelhança fonética. Em posição final de palavra, todos os ditongos possíveis se realizam, com exceção de /ιφ, υω, οω/ - o que se explica por fusão de traços idênticos. Assim, podemos dizer que todos os ditongos decrescentes são verdadeiros.

2. nos casos em que o segmento seguinte /Σ, ρ/ parece ter um papel na formação ou no apagamento do ditongo, nada mais, além do que já foi dito na literatura sobre o tema, pode ser dito.

3. ditongos criados por epêntese de glide coronal, que ocorrem apenas em posição final de palavra, antes de /σ/, bem como ditongos criados por vocalização de /ρ/, podem ser comparados com o fenômeno apontado em 2, acima. O que há de comum entre esses tipos? O que se constitui diferenças entre eles?

4. em relação aos ditongos crescentes que ocorrem nas seqüências /κωV/ e /γωV/, únicos considerados verdadeiros por Câmara Jr. e outros, também merecem reconsideração. Devemos interpretar a seqüência /ωα/ como ditongo crescente - como se tem feito - ou devemos pensar em consoantes dorsais labializadas para o inventário de fonemas do Português?

5. os ditongos nasais decrescentes são basicamente /ʊ̃ɔ̃/ - extremamente raro, uma única ocorrência na palavra *muito* - /ɛ̃ɔ̃, ɔ̃ɔ̃, ɔ̃ɔ̃/. Ocorrem, quase sempre, em final de palavra. Quando ocorrem medialmente, estão em palavras derivadas, cujo sufixo derivacional, de modo geral /ɔ̃/, tem acentuação própria, constituindo-se em palavra prosódica. São casos que, também, merecem atenção mais específica.

Questões como a nasalidade da vogal seguinte e as regras de assimilação de traços, em função do ditongo nasal crescente, podem ser excelentes objetos de pesquisas futuras que possam verdadeiramente contribuir para o aprofundamento teórico-científico sobre os fenômenos de variação lingüística e as regularidades da língua, bem como para a melhoria do ensino de língua portuguesa nos níveis fundamental, médio e superior.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. Fonologia: a gramática dos sons. **LETRAS**, v. 5. Universidade de Santa Maria, RS, jan./jun., 1993.
- ARCHANGELI, D. **Optimality Theory: an overview**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 10, (nº. Especial), p. 123-140, 1998.
- BISOL, L. A Nasalidade, um Velho Tema. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 14, (nº. Especial), 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br/scielo.php.html>>. Acesso em: 24 jun. 2002.
- BISOL, L. **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CAGLIARI, L. & MASSINI-CAGLIARI, G. Fonologia. In: Bentes e Mussalin et al. **Introdução à lingüística**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. cap. 4, p. 147-179.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**. Introdução à teoria e à prática com especial destaque ao modelo fonêmico. Campinas: Edição do Autor. 1997a.
- CAGLIARI, L. C. **Fonologia do Português**. Análise pela geometria de traços. Campinas: Edição do Autor, 1997b.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CÂMARA JR, J. M. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In J. A. Goldsmith (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell Publishers. 1995. cap. 7, p. 245-306.
- COUTO, H. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: PUC/RS v. 29, n. 4, p. 129-141, 1994.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.
- GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and metrical phonology**. Cambridge, Massachussets: Blackwell, 1990.
- LASS, R. **Phonology**. An Introduction to Basic Concepts. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MATEUS, M. H. Resenha sobre o livro *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro* de BISOL, L. In: **D.E.L.T.A.**, v. 16, n. 1, p. 149-153, 2000.

ODDEN, D. Tone: African Languages. In: J. A. Goldsmith (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell Publishers. 1995, cap. 12, p. 444-475.

SILVA, A. M. T. **A realização do ditongo na fala dos índios Wassu-Cocal de Alagoas**. 1999. 82f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

SILVA, R. V. M. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVEIRA, R.C.P. **Estudos de fonética do idioma português**. São Paulo: Cortez, p. 57-63, 1982.

WETZELS, W. L. et al. **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

WETZELS, W. L. **The Lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese**. *Probus*, 9.2. 1997.

WETZELS, W. L. On the Weight Issue in Portuguese, a Typological Investigation. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 107-133, dez., 2003.